

Diário  
-0. NOV. 1998

ANO III N.º 132  
25  
DE NOVEMBRO  
1943  
PREÇO AVULSO  
E S C. 1 \$ 5 0

# NÁUFRAGOS!

VER REPORTAGEM NAS PÁG. 8-9: A ODISSEIA DAS VÍTIMAS DO «PÁDUA»



**VIDA  
MUNDIAL**

# ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

## AQUELAS MÃOS TREMULAS...

**A**S vezes, na rua, ao dobrar de uma esquina, na confusão de uma saída de fábrica, deparamos com certas figuras que parecem ter sido decalcadas nas personagens célebres d'este ou daquele romance, quando não as próprias personagens, vivas, vivissimas, tal como o autor as concebeu. Pois a senhora Ana e o pai, o velho Gabriel, cada vez que penso neles, fazem-me lembrar Steinbeck. Encontrel-os ontem, ali para os lados da Ribeira — e há tanto tempo que os não via! A senhora Ana vinha de vestido e chale preto, muito limpinha, ajudando o pobre do velho a andar.

Mal me descobriu, os olhos sorriram-lhe. Parámos diante de umas traineiras acostadas, a descarregar sardinhas. O velho olhava para mim com fixidez, mas não me reconhecia.

— Então éle vai melhor? — perguntei.

Os lábios da senhora Ana arrepanharam-se num esgar.

— Longe disso. Daqui só para a sepultura. Mas cá andamos dia sim, dia não a caminho do doutor. Tratamentos eléctricos ou lá o que é... A boca do velho obliquava um pouco e, nas commissuras dos lábios, havia uma espécie de baba, que, a espaços, escorria num fio pegajoso, viscoso. Trigueiras e ossudas, as suas mãos procuravam, em gestos lentos e sem tacto, abotoar o esfiapado coléte sem nunca o conseguirem porque ora lhe sobrava uma casa, ora um botão.

— Leva todo o santo dia nisto — dizia a senhora Ana numa voz feita de resignação calma e branda. — Ninguém imagina o trabalho que tenho com éle! Já nem se sabe vestir. Agora até faz as suas necessidades na cama, veja lá... Já lhe reparou nas mãos? — teve um suspiro cansado — As vezes, Deus me perdoe, chego a pensar que seria uma previdência se éle morresse.

Olhei-a surpreendido pela maneira cruel como se exprimia diante do velho. Ela compreendeu-me.

— Já não ouve nada, coitadinho. É surdo como uma porta. Ando cá desconfiada de que o tratamento não lhe tem feito nada bem... Cabeça num perpétuo balanceio, o velho prosseguia na sua tarefa complicada de procurar abotoar todos os botões do coléte. Como não o conseguisse, finha, às vezes, um ronco surdo de desespero e, com quanta força possuía, esvasiava as casas, voltando ao princípio.

— Não sei já quantas vezes lhe tenho pregado aqueles botões, mas está não está, caiem todos. Não vê a força que éle faz?

Mesmo sabendo que o velho havia ensurdecido, impressionava-me desagradavelmente estarmos a falar nele, a censurá-lo, sem que o visse esboçar um gesto de defesa, uma palavra de desculpa. A dois palmos de nós era como se estivesse ao fundo da muralha, para lá da lota, donde as peixeiras saiam apressadas e com as canastras cheinhas no alto da cabeça.

— Porque não lhe ajuda a abotoar o coléte?

— Ainda era pior. Ao princípio eu abotoava-o, mas éle já estava acostumado a que ficasse uma ponta mais comprida do que a outra e punha-se a puxar, a puxar, até que rasgava a fazenda.

— Então é melhor despir-lhe o coléte... disse-lhe.

A senhora Ana olhou para o pai, depois para mim. E abaixando a voz, como recosa de que o velho a pudesse ouvir, disse num murmúrio:

— Matava-me...

Houve um curto silêncio. Ela procurou apagar a ruga de incompreensão que se me havia estampado na testa.

— Matava-me, sim... Um dia vesti-lhe a camisa, uma camisola de malha que a minha hóspede fez a esmola de me dar, e senti-o a janela. Eu pus-me a fazer a cama, mas estava a reparar no que éle fazia. Levou as mãos ao peito para ver se as pontas do coléte estavam do mesmo tamanho e, como não encontrasse nada, pôs-se à procura debaixo da camisola. Até me dava vontade de rir. Depois — nem me quero lembrar! — voltou a cara para mim e os olhos, salvo seja, até pareciam que deitavam fogo.

Culdei que lhe ia dar outro ataque e pulei para cima da cama, para acudir. Ai é que foram elas! Agarrou-se a mim, com a força de um touro e pôs-se a sacudir-me, a sacudir-me, que até me faltava o fôlego. Pois se não fôsse o marido da minha hóspede, éle dava cabo de mim. Fiquei com a blusa toda róta e os braços que nem um Cristo. Olhei para as mãos trémulas do velho e, não sei porquê, tive a sensação nítida de que fitava as mãos de um assassino.

A senhora Ana despediu-se:

— Adeus, adeus... Tenho que me ir, se não fico sem senha para o hospital!... E assim como assim, mais quero pregar-lhe os botões toda a vida do que acontecer-me para ai alguma desgraça.

Nada respondi. Ela deu o braço ao velho, e os dois foram-se afastando lentamente até se perderem entre os estivadores e o pessoal do tráfego que, àquela hora, enchiam o jardim à espera que começasse o «contos». Eu fiquei parado, imóvel. As mãos trémulas do velho não me saíam dos olhos...

LEÃO PENEDO

## BOLOS... QUE APETITE!



## ERA ALI O CAFÉ DAS 7 PORTAS

**S**E um dia se fizer a história completa dos cafés, em Portugal — desvendando-se-ão segredos que pertencem à poeira dos tempos...

De facto, os botequins e as hospedarias de Lisboa oferecem um enorme repositório de episódios famosos, onde se cruzaram as mais altas individualidades e onde se forjaram acontecimentos duma importância retumbante. Desde a *Casa da Neve*, situada em 1782 na Arcade do Terreiro do Paço e que foi o mais antigo botequim da capital, até aos cafés de hoje — quantos e quantos casos, quantos e quantos dramas, quantos e quantos romances?

Conta-se que nos fins do Século XVIII, o célebre Cagliostro, meio homem meio fantasma, esteve em Lisboa, vivendo num café chamado Neutral, à Rua do Príncipe, no número 61. Al Cagliostro, sob o disfarce de D. José, conde de Stephanis, recuperou energias perdidas após uma sensacional fuga de Londres. Apesar de vigiado pelos homens de Pina Manique, Cagliostro conseguiu deixar bem vincadas recordações na sua passagem pelo Café Neutral.

E que dizer do saudoso Café Central, ali no Chiado, à esquina da Travessa de Estêvão Galhardo, hoje Rua Serpa Pinto? Freqüentado por Guerra Junqueiro, Guilherme de Azevedo, Gomes Leal e tantos outros — bastariam as suas memórias para dar um grosso volume de sugestiva leitura.

Mas a evocação não acaba jámalas... O café do Grego, à esquina do Cais do Sodré, onde se reuniam os revolucionários de 1800. O Nicola, celebrizado por Bocage... O botequim das parras, onde o patrão, conhecido pelo José Pedro das Luminárias, falava de tudo e de todos constituindo um autêntico jornal vivo, no seu tempo... E os Marrares, o do Arco do Bandeira, com os seus actores e os seus políticos de café, e o do Chiado, onde passou toda a Lisboa «chica» e galante da primeira metade do século XVIII... Bem disse Palmeirim em «*Os excêntricos do meu tempo*»: «Sem a consagração do Marrare de polimento não havia talentos nesta terra, nem artistas que prestassem, nem governos sólidos, nem mulheres bonitas, nem toiradas excepcionais...».

Mas no meio de todos éles, um dos que grangeou maior fama foi aquêlle que se situou, pelo ano de 1810, no antigo número 10 da Travessa da Assunção, à esquina da Rua do Arco do Bandeira.

Era ali o café das 7 portas, onde havia bilhar e jogo de banca, no primeiro, onde se perdiam e faziam pequenas fortunas na loucura da jogatina proibida.

Ah, se aquelas paredes pudessem falar e dissessem os nomes que por ali passaram, se pudessem desvendarem-nos tudo o que viram, amores e

intrigas, segredos e projectos, renúncias e glórias!...

Em 1818, a «Gazeta» anunciava o trespasso do Café das 7 portas — nome que lhe davam, em vista do número das suas portas.

Quantas voltas o café deu, depois disso. Abriu, fechou, tornou a abrir, tornou a fechar, foi transformado em cocheira de trens de aluguer, pertencentes ao Pedro Manhoso, uma das mais pitorescas figuras da Lisboa antiga, serviu de taberna, esteve ocupado pela hospedaria da Romana e, finalmente, em 1864, apresentou-se, de novo, como café. Chamava-se então o Café Montanha, nome que ainda subsiste nos dias de hoje.

Era ali o café das 7 portas!



## ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

**T**ORNOU-SE um «slogan» o título desta nossa nova secção. De facto, os leitores acorreram, com evidente interesse, à chamada que lhes fizemos para nos contarem as suas queixas, os seus aborrecimentos.

Mais uma vez repetimos, porém, que não se devem servir da nossa boa vontade e pretender armar «intriçunhas de bairro» ou alvejar com despeitados comentários os seus inimigos pessoais.

Isso não está certo. As cartas que não primem pela honestidade e pela sinceridade — só lhes resta um caminho: o cesto dos papéis rasgados. E, acreditem, o nosso cesto é bem fundo...

Outra observação que nos parece necessária, é pedir que nos enviem sempre o nome e a morada escritos numa letra bem legível. Evitar-se-ão, assim, demoras e enganos...

Quanto à publicação dos vossos protestos — nada de precipitações, leitores amigos. Irão sendo publicados segundo a ordem de entrada na redacção e apenas segundo essa ordem.

Eis mais alguns casos em que se pergunta: «Está de acordo com isto?».

\* \* \*

Os carros eléctricos que fazem circulação costumam trazer aberta a entrada detrás. De maneira que pelo caminho vão subindo os homens e os rapazes, sempre mais desenvoltos do que nós, mulheres, obrigadas a esperar pelo carro na respectiva paragem. Não

se poderia remediar essa nossa desvantagem — fazendo com que as entradas de trás viessem fechadas até à paragem?

LUCILIA DE SOUSA — Rua Palmira, 57.

\* \* \*

Porque é necessário o pagamento de cinco escudos a mais, na farmácia de serviço, quando se vai comprar algum remédio de urgência? Concorde com essa taxa — se se tratar dum medicamento vulgar para caso vulgar. Mas discordo, em absoluto, se fôr imposta sobre um produto para qualquer caso de gravidade.

F. CASTRO — Rossio, 3, último.

\* \* \*

...Vi hoje um espectáculo que me desgostou profundamente: um carreiro queria obrigar uma pobre mula, velha e raquítica, a puxar por uma carroça carregada de sacas pesadíssimas. E como a mular não lhe satisfizesse os desejos, o carreiro, bruto, fugitava-a sem dó nem piedade. Não se poderiam evitar esses espectáculos duma vez para sempre?

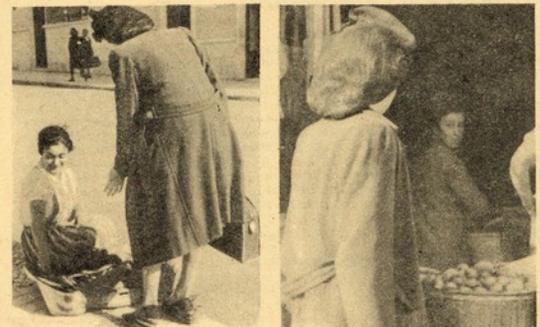
LUZIA M. TAPADA — Rua Alvaro Coutinho, 6, 3.º.

\* \* \*

Sei de alguns escritores que oferecem a edição dos seus livros por uma bagatela, prejudicando assim o interesse daqueles que vivem da sua pena. Acho que seria duma grande utilidade a formação duma sociedade de autores que tratasse destes casos e de muitos outros.

R. OLIVEIRA E SOUSA — Rua Zaire, 5, 4.º.

## A SENHORA VAI ÀS COMPRAS...



**M**ANHÃZINHA cedo, ela sai de casa. Vai sempre preocupada, a pensar no orçamento, nas compras, no almoço que pode tardar. E o tempo passa, passa sem perdão... A senhora apressa-se, esgota os recursos, zanga-se, não há bacalhau, falta azeite, as batatas só vêm para a semana, a manteiga já se acabou...

Ao fim da caminhada, a senhora volta para casa. Sempre traz qualquer coisa. Mas o dinheiro foi-se. E, amanhã, tudo se repete. A senhora vai às compras...

## 5 MINUTOS DE ENTREVISTA LISBOA VISTA POR ARTHUR HONEGGER

**V**AMOS encontrá-lo, debruçado num alto varandim da Estrêla, a olhar para a cidade, lá em baixo, bonita e alegre, salpicada pelos raios de sol.

É manhã cedo, andam no ar os pregões alegres das varinas e os rumores sem fim da cidade que vive.

Arthur Honegger semi-cerra os olhos e parece como que embalado por uma qualquer melodia que êle compõe em pensamento. Vagarosamente, as suas mãos fecham as páginas dum livro: «Faubourg Saint-Antoine», romance de Tristan Remy.

O mestre esquece a leitura e entrega-se ao deslumbramento do cenário magnífico dessa Lisboa esmaltada pelo sol.

— Gosta da nossa capital?

É uma pergunta quasi desnecessária esta. Mas êle responde, sem nos olhar sequer.

— Gosto muito... Adoro êste sol e êste céu... Os compositores portugueses são felizes por viverem rodeados de tanta inspiração.

Aproveitamos a ocasião e queremos saber qual a impressão do mestre acerca da música portuguesa.

— Conheço muito pouco... Mas tenho ouvido dizer que é boa... Há grandes valores na geração musical dêste país.

— E o público de Lisboa?

A pergunta parece indiscreta. Arthur Honegger não responde logo. Primeiro enche o cachimbo de tabaco loiro. Depois tira uma baforada longa e fala sem pressas.

— Gostei... E um público inteligente, apreciador da boa música... Mas Lisboa é muito bonita!

Êle próprio passa a falar-nos da capital, a confessar-nos o encanto destas manhãs belas e claras. Fala-nos do Tejo, o rio de águas mansas, do casario pitoresco, do colorido de toda a cidade.

Nós bem pretendemos conversar sobre outros assuntos, sobre as composições que prepara actualmente, os projectos para o futuro, o itinerário desta sua viagem triunfal.

Mas os cinco minutos da entrevista somem-se no tempo e o grande compositor sulço parece alheio, ausente, perdido na contemplação do rio, do céu, do mar. Arthur Honegger está enamorado de Lisboa e não quer fazer revelações indiscretas!

# DO MUNDO

## PARA QUANDO AS LUMINARIAS?

**E**STAMOS na última semana do mês que, em 1918, assinou o termo da outra guerra. Jam então decorridos quatro anos e três meses. Os alemães triunfantes desde a sua ofensiva inicial, que os levou ao coração da França, não tiveram, quando a sorte da guerra mudou de sentido, a força de ânimo bastante para suportar, no seu próprio território, a violência dos combates. Foi ainda em terra estranha que se declararam vencidos, poupando o seu país e a população não combatente às inclemências e às devastações da batalha. Ao fim de quatro anos, a França e a Bélgica, vencedoras, tinham alguns dos seus mais belos monumentos destruídos; algumas das suas principais cidades em ruínas; os soldados alemães, derrotados, podiam voltar tranquilamente para casa, certos de que lhe encontrariam as paredes em pé e o recheio intacto. O vencedor teve que se entregar à tarefa de reconstrução do próprio lar; o vencido não teve mais que repôr em funcionamento o seu maquinismo administrativo e económico.

Deste quadro de há vinte cinco anos não se pode dizer que tenha parecido absoluto no presente, porque o desenvolvimento do exército aéreo leva a guerra até muito longe das linhas onde se batem as forças terrestres. Assim, a Inglaterra, que desde há séculos não vê o seu solo pisado pelo invasor, viu agora algumas das suas grandes cidades sofrer o peso de duros bombardeamentos, como a Prússia Alemanha, com uma intensidade crescente, tem visto todos os seus recantos suportar ataques repetidos e concentrados da aviação anglo-americana. Desde os ataques aéreos, que levou a guerra ao próprio território alemão, desde a sua capital, até onde quer que se fareje a presença de centros de actividade militar ou industrial. Não obstante, os exércitos alemães ainda se batem longe; na costa francesa, na Itália, na Finlândia, na Rússia...

Depois de ter levado a tempo dos combates até 1.500 quilómetros (arredores de Moscovo) e mesmo até 2.000 quilómetros (Estalínegrad) das suas fronteiras de 1939, o exército alemão cedeu, na zona sul da frente oriental, terreno com a profundidade de 800 quilómetros, desde o cotovelo do Volga até ao Dnieper, mas está ainda muito longe de sentir a ameaça do inimigo junto das suas próprias fronteiras. Esta longa distância quilométrica permitiu ao Estado Maior da Wehrmacht, quando os seus exércitos depararam com força capaz de se medir com a sua, a possibilidade de adotar a tática a que passou a chamar de defesa elástica, isto é, abandonar terreno — mas terreno das anteriores conquistas, terreno que não é alienado, população, instalações, ou, er notícia desse recuo de meses, pode não sentir dele mais que o luto das perdas familiares que sofreu, mas, intimamente, deve estar longe de sentir como perdas próprias da nação, as sucessivas zonas que os seus soldados vão abandonando, zonas que se mencionam por nomes estranhos, que estão longe de ser familiares aos ouvidos nacionais, que soam apenas como um eco de batalhas: — a guerra ainda se trava muito longe...

Por quanto tempo poderão os factos caber dentro do actual quadro psicológico? Muitos dos principais dirigentes dos povos que se batem, tanto de um lado, como de outro, têm afirmado, vezes sem conta, que o vencedor será aquele dos beligerantes cuja frente interna mais sólida se mostrar perante a muralha de sofrimentos que todos têm igualmente que transpor. Quanto tempo poderão ainda resistir as frentes internas a toda a sorte de dificuldades, incertezas, ansiedades, inquietudes, angústias e privações? Eis o problema, a sua mais dolorosa interrogação. Em Londres, parece haver quem suponha próximo o termo da guerra. A menos que seja simples episódio da guerra de nervos a ordem que foi dada, recentemente, para que todas as cidades, vilas e aldeias inglesas, procedam urgentemente à reparação das luzes que desde 1939 se tinham sucessivamente avariado: nem mais, nem menos, que para tudo estar a postos para festejar o armistício!

Do «black-outs» — à iluminação de gala...  
Para quando?

JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS

## ITALIA

## PALERMO, SÉDE DA "A. M. G. O. T."

**E**STE edifício tem um significado especial para os italianos: é uma espécie de Terra da Promissão, um oásis de calma no meio da Itália caótica, porque é a sede da A. M. G. O. T. — a comissão aliada de fiscalização, criada pelos anglo-americanos. Quando há dias se constituía uma comissão de fiscalização para a Itália, afim de pôr em execução as condições do Armistício e reorganizar a economia do país foi divulgado o papel que caberia à A. M. G. O. T., instalada em Palermo, logo após a queda da Sicília. Assim, à medida que os exércitos anglo-americanos foram avançando, as Nações Unidas, através desta organização contra o eixo, estenderão os seus serviços por todas as regiões ocupadas.



Em Palermo e em toda a parte, os serviços são desempenhados por italianos, pagos pelo governo militar ocupante, e a experiência demonstra a eficiência da máquina montada. Todos os dias se registam milhares de italianos por toda a Itália ocupada, continuando em Palermo a sede dos serviços, instalados no edifício que damos na foto ao lado. Cada cidadão recebe 30 liras diárias — sem contar com mais cinco adicionais quando há crianças — o que, bem vistas as coisas, não constitui motivo de miséria...

## AUSTRÁLIA



## ADVOGADO, SOLDADO, POLÍTICO, GENERAL, PROFESSOR UNIVERSITÁRIO E HOMEM DE ESTADO

### Guerreou os ingleses e, 40 anos depois, é uma das figuras mais salientes da Comunidade Britânica

**J**AN Christian Smuts, marechal do exército imperial britânico, Primeiro Ministro da União Sul-Africana, é uma figura curiosa, com uma biografia cheia de acidentes, cada um deles, só por si, podendo dar um capítulo do maior interesse. Conta hoje 73 anos. Aos 30, era advogado — formado na Inglaterra — quando rebentou a guerra do Transvaal. O advogado fechou os códigos e pegou numa espingarda. Não tardou que ascendesse à categoria de general — chefe rebelde contra as tropas inglesas. Durante meses, as suas forças contiveram em respeito o inglês. Mas a guerra liquidou-se com a afirmação da vitória imperial — e Smuts pôs de parte a espingarda e retomou as suas funções de advogado. Não tardou que os «boers» descobrissem nele um «leader» digno das suas aspirações: o chefe militar é arvorado em chefe político. Não tarda que veja concretizado o seu sonho da União Sul-Africana. A lealdade com que adaptou as necessidades e os interesses do seu país às condições de paz impressionaram os ingleses. Quando rebentou a guerra de 1914, não tardou a fazer

frente aos alemães, aliado convicto do governo de Londres, em termos tais, que, em 1917, como ministro da Guerra do governo sul-africano, tomou assento no Gabinete de Guerra imperial. Em 1919, foi Primeiro Ministro da União e tomou lugar na Conferência da Paz. Em 1924, foi derrotado nas eleições e passou para a oposição. Iniciou carreira nova, fêz-se professor e, em 1931, era reitor da Universidade de Santo André. Em 1933, a roda da política começou a dar sinais de novo desandar, e o seu maior rival político, o general Hertzog, fê-lo entrar no seu governo: ministro da Justiça. A guerra actual fêz robustecer a sua posição interna, como fiel aliado da Grã-Bretanha. Em 1940, veio de novo na presidência do governo sul-africano, ao mesmo tempo que reservava para si as pastas dos Negócios Estrangeiros e da Defesa. Pouco depois, Londres distinguio-o com o grau de marechal de campo e reserva-lhe, como em 1917, lugar no Gabinete de Guerra imperial. Hoje, este sul-africano, que fêz guerra aos ingleses, é uma das mais representativas figuras da comunidade das nações britânicas.

## Um homem que ressuscitou três vezes proibido de morrer definitivamente...

## FINLÂNDIA

**N**UMA pequena cidade da Finlândia — em Kajaani — vive um velho pescador de nome Tyko Sallinen. É um caso extraordinário nos annals da humanidade, de que muito bem se pode orgulhar: três vezes morreu e três vezes ressuscitou! Pode ser que isto seja mentira mas, se o é — vai para os jornais de Helsinquia o obróbio da falsidade, pois são eles que nos falam do estranho caso...

Foi em 1918 que Sallinen morreu pela primeira vez. Fôra dispensado do serviço militar mas alistara-se no exército de combate ao bolchevismo, comandado por Mannerheim. Uma granada, no campo de batalha, passou-lhe perto e matou-o. Três dias depois, foi o cadáver removido, com outros, para a campaa rasa. Mas, quando sobre ele calam as primeiras pásadas de terra — o cadáver ergueu-se e prostestou...

O caso foi tido como milagroso mas o fenómeno não findou aqui: repetiu-se em 1933, quando o padre lhe encomendava a alma a Deus e sobre o corpo amarrado na igreja espargia a água benta. O páncio foi enorme — estamos a ver de longe! — entre os assistentes amigos e a centena de descendentes do bravo

pe.ador que se sentou no caixão e gritou:

— Tenho fome!

Tyko ressuscitava pela segunda vez — que não era a última: há dois meses, uma de suas filhas, inquieta de não ver o pai que vivia só na sua cabana, alimentando-se de pão, legumes e peixe, foi procurá-lo e deu com ele morto. Fizeram-se esforços para o reanimar — mas, em vão. O médico passou a certidão de óbito, por certo não muito seguro do parecer: emorreu vítima de uma lesão cardíaca.

Os parentes é que não acreditaram. Nada, não enterrariam o velho Tyko! Ficaram a velar o corpo — que deitaram no seu leito e, de facto, Sallinen não desistiu os parentes: pela terceira vez ressuscitou, após três dias de letargia!

Os jornais fizeram grande chifrim e chamaram-lhe «o homem que não quer morrer!».

Preguntaram-lhe, então, o que tinha visto no outro mundo mas Sallinen disse sinceramente:

— Nada!...

O mais engraçado é que o oficial do Registo Civil fêz constar para os devidos efeitos que mandará prender quem fizer constar que Tyko Sallinen morreu mais uma vez...

Ora aqui está um homem proibido de morrer!...

## INGLATERRA

# A correspondência entre o sr. Winston Churchill e o sr. Winston Churchill

Leitor que se não der ao trabalho de percorrer as páginas das «memórias da minha Mocidade», de Winston Churchill, morrerá sem ter tido o prazer de saborear uma das obras mais fulgurantes que a imaginação humana tem produzido em todos os tempos. A leitura é tanto mais atraente quanto é certo que o autor, actualmente Primeiro ministro da Grã-Bretanha acumulando estas funções com as do homem mais disculpado, mais estimado e mais detestado da época perturbada em que vivemos, se ocupa nelas, quasi exclusivamente, de guerras e de paisagens, pintando os frescos soberbos que vão da descrição duma carga de cavalaria à serenata duma excursão nos lagos da Suíça e esboçando os retratos dos seus contemporâneos mais famosos e excêntricos, sem arrebuques de literatura e sem preocupações incômodas de política.

Numa passagem do seu célebre livro, o sr. Winston Churchill, que usara por essa altura a sua farda de oficial de hussares pelo traje civil do romancista à cata de celebridade, revela que em 1899, ao ser editada a sua novela romancada «Savrola» soube, com espanto, que havia um outro escritor de língua inglesa que assinava as suas produções com o mesmo nome.

Tratar-se-lia dum pseudónimo, que casualmente dava origem a essa coincidência desagradável, ou era bem dum Winston Churchill que se tratava?

As investigações a que o futuro chefe do governo britânico procedeu conduziram rapidamente a um resultado desolador. Em Windsor (Vermont), nos Estados Unidos, havia bem outro novelista, Winton Churchill de seu nome, que, como é, vivia das letras e da imaginação. O caso exigia um esclarecimento imediato que pusesse os seus direitos de autor e a sua fama a coberto de quaisquer surpresas desagradáveis.

O sr. Winston Churchill, de Londres, escreveu uma carta amável ao sr. Winston Churchill, de Windsor, em que lhe propunha que, de futuro, cada um deles acrescentasse ao seu nome literário qualquer outro apelido de família que servisse para os distinguir no conceito e na compra dos leitores.

A carta enviada de Inglaterra terminava por um cumprimento rendido:

«O sr. Winston Churchill aproveita esta ocasião para felicitar o Winston Churchill pelo seu estilo e pelo êxito dos seus trabalhos, que sempre chamaram a sua atenção, e espera que o sr. Winston Churchill tenha sentido um prazer idêntico com a leitura das suas obras».

O chefe do governo, que prometeu ao seu povo sangue, suor e lágrimas, é, como se sabe, bastante mais modesto do que o novelista que, há quarenta e quatro anos, tinha em tão alto conceito as suas produções literárias. Diga-se de passagem que estas eram, em tudo, dignas do conceito em que éle as tinha. Essas produções fizeram do autor um dos escritores mais famosos da Europa no decurso deste século.

A resposta do sr. Winston Churchill, enviada dos Estados Unidos, não se fez esperar e terminava igualmente por uma saudação calorosa:

«O sr. Winston Churchill toma a liberdade de enviar ao sr. Winston Churchill um exemplar de cada um dos seus mais recentes romances e declara que nutre a maior admiração pelo sr. Winston Churchill, aguardando, com o maior interesse que lhe seja enviado, para o ler, um exemplar da sua novela «Savrola».

Da controversia epistolar alguma coisa resultou. As produções literárias do sr. Winston Churchill, de Londres, passaram a ser assinadas com o nome de Winston Spencer Churchill. Os trabalhos do sr. Winston Churchill, de Windsor, menos providos de apelidos familiares sonoros do que o descendente do duque de Marlborough, passaram a ter, acrescentado ao nome do autor, uma pequena palavra esclarecedora — americano. Assim se evitaram equívocos desagradáveis e se previram penosos desvios de fundos editoriais.

Mas os dois autores, que depois dessa data não deixaram de se estimar e de manter uma correspondência tanto quanto possível seguida (no ano seguinte o sr. Winston Churchill, de Londres, era eleito deputado pela primeira vez trocando a tribuna parlamentar pela actividade das letras) não conseguiram que o esclarecimento, assim conseguido e que parecia definitivo, excedesse os limites estreitos da literatura.

Um dia, o sr. Winston Churchill, de Londres, visitou os Estados Unidos e, como é natural, o seu amigo Winston Churchill de Windsor convidou-o para um jantar que se realizou num dos mais freqüentados e conhecidos restaurantes de Boston. No final do jantar trocaram-se brindes entusiásticos e os dois escritores passaram revista, alegremente, à sua amizade. Quando iam para se retirar, aproximou-se deles um criado que, não tendo conhecimento exacto da distinção que era preciso entre dois escritores que, por casualidade, tinham o mesmo nome, entregou ao sr. Winston Churchill, de Windsor, a correspondência que era destinada ao sr. Winston Churchill de Londres, e ao sr. Winston Churchill, de Londres, a conta que era destinada ao sr. Winston Churchill, de Windsor. O equívoco desfz-se no meio de gargalhadas sonoras.

O sr. Winston Churchill, de Windsor, acaba de completar setenta e dois anos de idade. Essa circunstância foi o pretexto para uma troca de saudações cordiais e para uma tristeza compreensiva do protagonista do aniversário. É que o sr. Winston Churchill de Londres conta apenas sessenta e oito anos e oferece o espectáculo duma energia inquebrantável reforçada pelo fumo do seu inseparável charuto.



## ÁFRICA

# TANGER, CIDADE INTERNACIONAL

**T**ANGER é a plateia do grande teatro da guerra. O espectáculo que se desenrola no palco é quasi sempre dramático — mas os espectadores conservam-se calmos, porque sabem que não serão atingidos. A cidade habituou-se a ver passar os combóios que transitam entre o Atlântico e o Mediterrâneo e muitas vezes tem ouvido as explosões em Gibraltar. Provavelmente, nenhuma outra cidade como esta assiste tão de perto ao desenrolar da guerra. Tanger, antiga zona internacional, ocupada pelos espanhóis em 1940, está imunizada e é um campo de espionagem excelente. Foi lá que tomaram o primeiro contacto os chefes franco-anglo-americanos para a ocupação do Norte da África — e o facto do ministro norte-americano dispor de uma dúzia de adidos militares, prova bem como Tanger, cidade internacional, representa papel de relevo no concerto da guerra.

Entretanto, a vida ali continua normalmente. O Grande Mercado mantém o movimento colorido. Naturalmente, os preços das mercadorias subiram muito, os ovos já não se compram às dúzias e as galinhas e cabritos reservam-se para dias santos e feriados... Em compensação, os cambistas fazem excelente negócio, porque o franco francês subiu consideravelmente com a ocupação de Marrocos pelos Aliados, e a peseta tem também boa procura. E, se é certo que os racionamentos estabeleceram a senha para os géneros de primeira necessidade — o certo é que as mulheres maquilmanas depressa se habituaram a lidar com as senhas.

A vida, enfim, continua: dura é certo, para neutros e betigerantes — mas só má é verdadeiramente trágica para aqueles que morrem...



O PINTOR ABEL MANTA

**H**A na língua portuguesa uma locução muito usada e bastante expressiva: «pintar a manta...». Quando se diz «pintar a manta» é como que dizer «pintar o diabo» ou «fazer coisas do arco da velha». Durante largo tempo, os eruditos pesquisaram nos arquivos a origem do «pintar a manta», sem encontrarem uma chave, mesmo falsa, que lhes abrisse as portas d'êste tremendo enigma. Até que um dia o menos erudito dos mortais gritou, erguendo no ar um flamante dedo indicador:

— Eureka!

O que tinha sido? Tinha sido isto: descobri que «pintar a manta» vinha de Abel Manta pintor — o que, desde logo, segundo ele, explicava todo o inexplicável. A opinião é engenhosa — e talvez exacta. Vendo bem, o pintor Abel Manta, com todo o seu ar recolhido, com tãda a sua expressão aparentemente triste e melancólica, é, além dum grande artista, um espírito que, nos domínios da blague, e até sem êle dar por isso, é capaz de fazer coisas do arco da velha. Encontram-se algumas pessoas assim: parece que não partem um prato — e são capazes, com um sôpro, de atirar abaixo uma loja de loiça. E fora de dúvida que o Manta pintou; e quasi pode afirmar-se que «pinta a manta».

**A**NTÓNIO Cândido notava uma vez, no prefácio que escreveu para o livro do visconde de Santo-Tirso «De rebus pluribus», que a arte de conversar estava sendo relegada, entre nós, para um plano bem diferente daquelle que tivera noutros tempos. — «Como noutro tempo se conversava em Lisboa!» — recordava saudosamente o grande orador. E, numa vaga névoa de ternura, lembrava as «soirées» em casa dos condes de Ficalho; os serões em casa dos condes de Valbon; as noites de Santa Catarina, em casa de Maria Amélia Vaz de Carvalho; os concêrto em casa do Conde de Daupias; e algumas outras reuniões nas quais se encontrava a fina-flor da literatura, da politica e da sociedade e em que a boa conversa, dōirada e espirituosa, constituia um dos maiores encantos das salas. Hoje não se conversa. Os escritores não se reúnem, a não ser fugitivamente às mesas dos «cafés» ou à porta das livrarias. As senhoras, que outrora espiritualizavam os círculos sociais em que se conversava, jogam hoje o «bridge», o «ping-pong», o «mah-jongg», fumam, e, muitas delas, sempre que falam, fazem-no numa linguagem que não é positivamente uma renda de espirito. António Cândido tinha razão. A arte de conversar, doce, acolhedora e maravilhosa arte, parece que passou de moda infelizmente. Hoje não se conversa: discute-se. Discute-se tudo: a politica, a literatura, a guerra, o próprio amor. Os diálogos são controvérsias. A velha esgrima, leve e subtil, de frases, de réplicas, de ditos de espirito, succedeu ym verdadeiro «box» de palavras — de que os nossos ouvidos e o nosso espirito saem, por vezes, bastante feridos. Ainda não há muito assisti num «café» a uma cena violenta entre dois sujeitos que estavam a uma mesa e que, durante alguns instantes, entre pesadíssimas expressões, se esmurramaram severamente. O que tinha sido? Nada. Estavam — diziam êles — a conversar...

UM COLECCIONADOR DE ELEFANTES



Encontrámos uma tarde destas um homem sobraçando três elefantes, dois de loiça e um de trapos. Porque a curiosidade não conhece limites dirigimo-nos ao homem e perguntá-

moss-lhe:

— Para onde vai isso, se não é indiscrição?

Logo êle:

— Para casa do sr. Estêvão Amarante.

Final a resposta não nos surpreendeu. Na verdade, Amarante colecciona elefantes. Os elefantes são para êste artista, tantas vezes aplaudido — uma das suas... elefantasias.

de velha data nos contamos. S. Ex.ª deve tomar posse por êstes dias e não nos custa acreditar que, sob os seus óculos penetrantes, acabe dentro em breve, literariamente, o chamado «mercado negro» das belas letras.

OS DOIS V. V.



Depois dos Namorados e do Apaixonadamente Virginia Vitorino, liricamente, emudeceu. O rouxinol, que tanta vez cantara empoleirado nos ramos das árvores em flor, calou-se. Há quem diga que as mulheres que se dedicam a escrever, melhor faziam se se dedicassem a bordar. Não é o caso de Virginia Vitorino que, mesmo escrevendo, não deixa de dar aos seus versos a leveza feminina dum bordado. Está fazendo falta um livro de versos de Virginia. Os dois

V., da poetisa dos Namorados não significam apenas Virginia e Vitorino — mas também Verdade e Vitória.

OMELÉTE



Segundo se afirma, o bailarino Francis vai fazer o Hamlet. Não sabemos se isto assim é, mas se assim for estamos certos de que o caso se revestirá de significativa curiosidade. Di-

zem-nos mesmo que Shakspeare resuscitará para assistir a esta Omelete teatral.

O SENHOR INTENDENTE



Augusto de Castro que tem, como raros, o sentido da oportunidade, alvitrava, há dias, perante a verdadeira epidemia de romancistas e historiadores que por aí alastra, a criação da In-

tendência Geral dos Abastecimentos Literários, com racionamento da produção. Temos o prazer de informar que o nosso bom amigo Dr. Augusto de Castro acaba de ser oficialmente escolhido para desempenhar o lugar de Intendente Geral, o que deve encher de plena alegria, não apenas o seu espirito, mas o dos seus admiradores — entre os quais

INSTANTANEOS

**N**UM «restaurant». A uma mesa almoça tranqüilamente um sujeito de certa idade, calvo, de óculos, e que tem a fantasia de ser surdo. Precisamente na altura em que saboreava um adorável linguado frito com molho de «mayonaise» um outro sujeito que acabava de entrar no «restaurant» aproximava-se do senhor surdo — e cumprimenta-o. Sucede, porém, que êste segundo sujeito, é a imagem e semelhança do primeiro — o que são as coincidências da vida — é também calvo, usa óculos e é surdo. Para o caso, as circunstâncias de ambos serem calvos e usarem óculos não interessa neste momento, a não ser como pormenor literário: o que interessa é a surdez comum. O pequeno diálogo que entre os dois se travou não deixa, penso eu, de ter o seu interesse

— como tudo que vive da confusão.

1.º surdo — Vens almoçar?

2.º surdo — Não. Venho almoçar.

1.º surdo — É pena. Podias almoçar.

2.º surdo — Que idêial O que eu venho é almoçar.

1.º surdo — Gostava que almoçasses...

2.º surdo — Não, não é isso... O que venho é almoçar...

1.º surdo — Lamento. Podias almoçar...

2.º surdo — E tu não estás a almoçar?

1.º surdo — Que idêial! Como vêis estou a almoçar...

2.º surdo — Não sabia que estavas a almoçar...

... ..  
Etc.

## SABEM QUEM FOI PASTEUR?



NA vida dos «grandes» nem sempre a mocidade possui traços que nos revelem estarmos em presença de um futuro génio. Como qualquer exultar, jogam o berlinda, metem o indicador no nariz, diante das visitas, dão más respostas e apanham ou sovam os companheiros, à saída da escola.

Pasteur nasceu em 1822, na França, e, no edifício onde estudava, não mostrava o menor interesse pelos livros. Fugia com frequência à escola para dar saborosos passeios pelos vinhedos de Arbois. Nas margens dos seus livros e cadernos havia o mesmo que há nos livros e cadernos dos meninos negligentes de todo o mundo: desenhos muito mal feitos e muito feios do professor com lunetas e um tremendíssimo bigode de pontas retorcidas até aos olhos.

Um dia, o pai, aborrecido pela má aplicação do filho, teve com êle uma longa conversa e, ao fim, conseguiu fazê-lo apaixonar-se não pelo desenho, mas pela química.

Pasteur começou a estudar, noites e dias metido no quarto, rodeado de livros e de bicharda que apanhava nos campos. Seria fastidioso enumerar toda a sua obra, tão vasta e tão importante ela foi: trabalhos sobre as possibilidades de asepsia, antiseptia e isolamento, pelos quais se conseguem agora todas as probabilidades de êxito em operações consideradas morais; descobertas contra a raiva e carbúnculo; descobertas para a conservação dos vinhedos, para a cura da cólera das galinhas, contra a doença dos bichos de seda, a septicémia, a triquinose dos porcos, etc., etc.

Há sempre um ror de factos anecdóticos na vida de um homem célebre, como Vacas, carneiros, galinhas e seres humanos, tallados em pedra. É a estátua de Pasteur, o sábio, o benfeitor da humanidade, o homem que destruiu, com os seus estudos sobre as fermentações, a lenda das gerações espontâneas...

— Como sou eu o desafiado, cabe-me o direito de escolher as armas. Uma destas ampólas contém estriquinina, a outra não. Eu escolherei uma, o senhor Casagnac a outra... Concorda?...  
É o senhor Casagnac, como é natural, não concordou...

\*\*\*

Pasteur morreu em 1895, depois de uma vida inteira dedicada à ciência. Em Paris, na Avenida Breteuil, ergue-se uma curiosa estátua, em tamanho natural. Vacas, carneiros, galinhas e seres humanos, tallados em pedra. É a estátua de Pasteur, o sábio, o benfeitor da humanidade, o homem que destruiu, com os seus estudos sobre as fermentações, a lenda das gerações espontâneas...



## QUEM SÃO?...

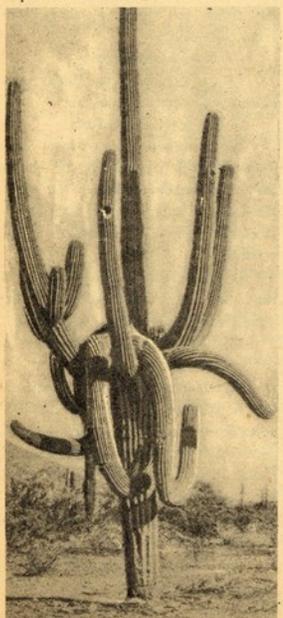
UM doce a quem adivinhar quem são estas desleiantes e pretenciosas crianças. Ela, com aquelas pernas fininhas, áreitas que nem um pau de vassoura, a indicar que nunca será uma mulher elegante; êle, com um ar muito enfatuado, muito cretino, de cara redonda, bochechuda. Serão duas crianças que vão para um baile de máscaras? Naturalmente que não. Mas reparem bem! Já descobriram? Então tomem nota: êsse parzinho que aí vêem é nada mais, nada menos, do que a célebre Ginger Rogers e o não menos célebre Fred Astaire quando tinham um 14, o outro 15 anos. Parece impossível, pois não parece?

## PLANTAS POÇOS DE ÁGUA

MUITAS vezes a natureza consegue ultrapassar em fantasia tudo o que um cérebro humano, por mais fértil que seja, possa imaginar.

A fotografia que acima se publica, que mais parece reprodução de bizarra tela realista, é, todavia, uma das plantas exóticas que floresce no deserto de Arina, nos Estados Unidos da América.

Tanto a esta como a outras variedades de cactos, os viajantes dos desertos chamam «poços de água» porque, quando abrasados pelo sol, podem ali mitigar a sua sede. Para isso fazem um buraco num dos espinhosos braços da planta, donde extraem uma água um pouco turva, mas potável. Esta água veio das raras chuvas durante o inverno ou foi bebida a pouca umidade da noite.



## RESPOSTA A ESTAS 15 PERGUNTAS!

A I vão 15 perguntas versando os mais diversos assuntos. Responda, exercite a sua memória, faça um exame à sua cultura geral.

- 1—Qual é o país do Sol Nascente?
- 2—Que género de escrita empregavam os primitivos babilónios?
- 3—Qual é a personagem bíblica conhecida pela sua paciência nas atribulações?
- 4—Que têm de comum as seguintes celebridades: Grieg, Debussy, Mac Dowell, Strawuesky, Rachmaninoff?
- 5—Que é um centauro?
- 6—Que é um coral?
- 7—Quem inventou o fonógrafo?
- 8—Em que ano foi o terramoto de Lisboa?
- 9—Que é um bico de Bunsen?
- 10—Quem pintou a «Glocondas»?
- 11—Qual é a ponte mais comprida do mundo?
- 12—Um dodecagono quantas faces tem?
- 13—Como se chamava a mulher de D. Afonso Henriques?
- 14—De que provém a hulha?
- 15—Quem descobriu o Ralo X?

(Ver respostas no próximo número)

## SUAR SANGUE? PORQUE NÃO?...

PARA as pessoas menos versadas em assuntos científicos, a expressão «suar sangue» pode ser apenas uma simples imagem literária.

Puro engano. Sobre a influência de forte comoção podem, certos indivíduos, chegar ao ponto de suar sangue, mas sangue... autêntico.

A experiência não é, à primeira vista, muito difícil. Quando alguém cora é porque o sangue afluí à rede dos vasos capilares que irrigam a pele. Pois bem: Sobre uma intensa pressão sangüínea êstes vasos podem dilatar-se, romper-se e, então, o sangue, invadindo as glândulas sudoríferas, aparecerá à superfície da pele em pequenas gotas que se irão juntando umas às outras, como sucede com o suor.

Em termos médicos chama-se a êste suor hematódico. Os hematódicos — os indivíduos que suam sangue — são sempre doentes do sistema nervoso, facilmente excitáveis.

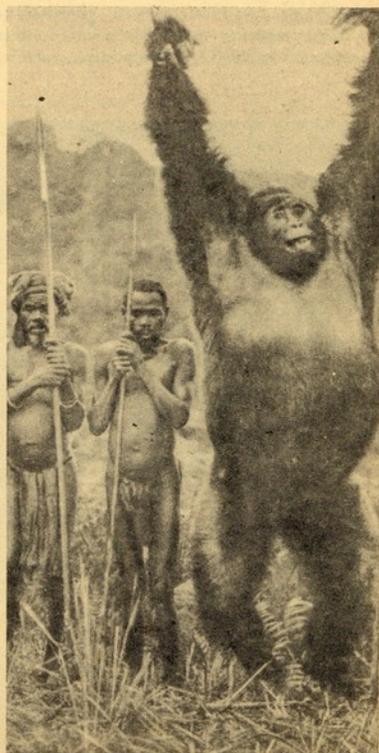
## UM GORILA E DOIS PIGMEUS

SE a fome ou alguma bomba cega não o matou, êste corpulento gorila encontra-se ainda na Itália, na Universidade Real de Florença, mas prêsso, naturalmente.

O comandante Atilio Gatti caçou-o nas montanhas vulcânicas, no Congo Belga, depois de uma perseguição de alguns meses por regiões selvagens e perigosas.

Este representante do maior dos antropóides (o mais parecido com o homem) habitava as mesmas montanhas onde vivem os pigmeus, os mais pequenos homens do mundo.

À esquerda do gorila, a que foi pôsto o nome de Moami Ngagi (Rei dos Gorilas) encontram-se o sultão Kasciula e seu filho, dois componentes da tribu dos pigmeus, êstes estranhos homenzinhos de cerca de quatro pés de altura...



# NAUFRAGOS!

## A odisseia trágica das vítimas do «Pádua»

contada por Silva Peixe



À esquerda, Oltreira Velha e José Teiga Leite, respectivamente, imediato e piloto do «Pádua». O primeiro naufragou pela 1.ª vez e o segundo recebeu nesta viagem o baptismo do mar, como piloto.

**M**AR calmo. O comandante aponta o binóculo. Sobre a linha do horizonte, nem um traço de terra; para cá, sobre a toalha líquida, só aqui e além surgem grandes pernadas de árvores como resíduos de tragédia. Tudo indica que os elementos andam em fúria para os lados da costa. Aqui, porém, tudo é doçura. Foi assim durante toda a viagem: nem tempestades, nem sobressaltos, nem encontros bons ou maus. O «Pádua» cruza os mares bonancosos entre os homens em guerra, porque a sua missão é de paz e de amor: leva no seu ventre sagrado 13 mil sacos com correspondência para os homens dos campos de concentração — os prisioneiros de guerra, gente neutra e à margem do ódio humano. Toda essa correspondência vai ser levada a Marselha. Dali, em combóios, a Cruz Vermelha Internacional, que fretou o «Pádua», fá-la seguir para a Suíça e, depois, para a Alemanha. Mãos e olhos ansiosos esperam essas cartas, mensagens meigas que adoçarão seus dias de cativos...

A noite desce lentamente. Cerra-se num manto negro. No seu pósto, o comandante cisma. Tudo correu bem. Marselha é ponto seguro. Não se repetirá ali a tragédia de Génova. Dias trágicos, esses, os de há ano e meio, com a aviação aliada a metralhar e a população em fuga, espavorida, a correr para os abrigos. Também ele, Silva Peixe, com toda a tripulação, quatro vezes teve de correr para o abrigo, abandonar o seu barco, como lhe foi imposto. De uma vez — lembra-se bem — uma bomba atingiu o «Pádua», barquito veloz que ele próprio foi buscar,

há quasi uma dezena de anos, aos estaleiros ingleses... Enfim, ninguém se perdeu — e o seu «Pádua» pôde seguir viagem. Nunca mais, é certo, voltaram a Génova: zona de guerra não serve para a sua missão de paz! Agora, rumo a Marselha!

Tinham saído de Lisboa a 19 de Outubro. Terra de costa estava a 23 milhas — três horas de viagem!

O comandante fez o seu quarto até à meia noite. Mas ainda fica: é preciso mudar de rumo — e isso só ele, comandante, o pode fazer!

Duas e trinta. Tudo calmo, tudo normal. Uma aragem fina e penetrante... — Se houver alguma novidade!...

Silva Peixe desce ao camarote. Fica a rendê-lo o oficial piloto que faz serviço com o contra-mestre. O comandante vai extenuado. A bem dizer, aquê dia foi violento: era preciso estar atento à navegação! Mas, agora, no silêncio da noite, já pode descansar. É certo que ainda tem umas notas a acrescentar no diário de bordo. Mas a cadenciar-lhe o movimento das idéias, lá está o ranger das vigas, o tan-tan dos motores e as ondas batendo no costado do navio... Silva Peixe redige as últimas notas: «nada mais ocorreu neste dia» — e fecha o livro.

Despe o casaco, descalça-se, estira-se no sofá. Para quê deitar-se? Daí a pouco, será manhã. Agora são mais de três da madrugada. Dormita. O «Pádua» parece um grande bêrço, e os homens, irmanados na sua ternura pelo barco, parecem todos crianças...

Quanto tempo passa? Quinze, vinte minutos?

As idéias baralham-se na mente do comandante: os filhos, lá longe, no Pôrto, a estudar — o mais velho, já um homem de 20 anos! — a esposa morta, a casa que ficou em Portugal, esta outra em que viaja, as emoções da chegada à terra francesa...

De repente — todas as entranhas do barco estremecem violentamente! Que se passa? A roda, tudo gira, os móveis são projectados contra as paredes, ferros que se torcem, uma loucura de coisas e de gritos!

O comandante Silva Peixe, que fôra arremessado ao chão, ergue-se, enfim, e corre para a porta da cabina. Está fechada! A violência do choque torcera gonzos, cerrara câmaras de ar! As mãos sangram-lhe. A inclinação do barco apavora.

Enfim! A porta abre-se. Corre à ponte. Há correrias. A luz apagou-se, porque a geradora eléctrica foi atingida. Não há vozes que sobrelevem à angústia humana, e o apito de bordo deixou de funcionar!

— Salve-se quem puder!

A tripulação precipita-se para as baleeiras. Não há tempo a perder, não há explicações a dar nem a pedir. Todos sabem que se passou qualquer coisa de terrível, de trágico. O barco inclina-se. Já não tem governo nem quem o governe.

A pôpa afocinha. Na escuridão, mal se divisam as silhuetas dos homens que já tomaram as baleeiras, desengatadas das talhas por causa do choque sofrido pelo navio.

— Tragam machados!

O aço vai cortar as fundas e as baleeiras desancostam do barco.

— Ao mar! Rema forte!

Num movimento nervoso, primeiro, depois cadenciado, os remos cortam as águas. A silhueta do navio recorta-se a pino, a prôa — a pôpa a afocinhar com uma inclinação quasi vertical.

O comandante manda contornar o barco. Do outro lado, desceu a outra baleeira. É preciso ver se estão todos...

De longe, vêm gritos aflitivos:

— Socorro! Socorro!...

Agarrado a uma escada arrancada não se sabe como nem de onde, Ernesto Robert, comboeiro suíço — o delegado da Cruz Vermelha Internacional — vai sucumbir. Não pode já nadar. Tem as mãos feridas, mais um momento — e perder-se-á no torvelinho das ondas!

Silva Peixe agarra-o fortemente e puxa-o para cima. Mas o homem, coitado, perdeu a fala e desmaia...

As duas baleeiras estão agora lado a lado. Enquanto o «Pádua» estrebucha trágicamente a debater-se com as ondas, faz-se a contagem e chamada dos homens.

— Artur de Oliveira Velha!

— Presente!

Mas, de vez em quando, um silêncio responde à chamada. A voz do comandante cala-se então e ouve-se um soluço entre os tripulantes... Choram. Choram como crianças esses homens audazes e atrevidos...

— Atenção! Ânimo! Vamos procurar os companheiros!

As duas baleeiras parecem corvos a esvoaçar na noite negra em que a morte ronda. O mar parece um lago de tinta — a tinta com que se escreve mais esta página de luto e sofrimento...

Ninguém responde à chamada dos vivos. Os mortos — seis: maquinistas, fogueiros e cozinheiros, tudo gente moça, de Lisboa, Alcobaça, Pôrto e Ilhavo — esses dormem o sono eterno, porventura, agarrados a algum ferro retorcido, e nem talvez tenham dado pela morte...

As baleeiras estão agora amarradas por cabos grossos. Na noite escura não correrão o risco de se perder. E dentro, homens novos e velhos, de unhas cravadas na carne, choram a sua desdita e a dos companheiros mortos.

— Que foi aquilo? Que foi aquilo, Deus do céu?

Não há tempo para discutir. Os olhos cravam-se no costado do «Pádua», que durante 30 minutos se conservou erecto, para emergir de repente, de pé, garboso, como um marinheiro de brio! Acompanham-no os soluços:

— Foi-se tudo!...

Os haveres, as recordações, a correspondência, as vidas dos companheiros, as roupas de vestir!...

Há homens semi-nus a tiritar com frio. Gente que sofre nas feridas a reacção da água salgada. Alguns parece que esmorecem. Mas o capitão deita as mãos aos remos — e rema, rema forte com os seus homens! Os calos que lhe ficam vão durar...

São 5 horas. Agora que o «Pádua» para sempre se sumiu no mar, já podem seguir rumo a terra. Ali, nada têm que fazer. Um homem cisma sozinho:

— Como foi? Como foi isto? Estava no meu camarote. De repente, houve um estampido, um matraquear de ferros. Corri à escada, e tinha desaparecido! Como foi que eu consegui subir pelo corrimão?

É o criado de bordo, Uriel Gonçalves Leite, que dormia no camarote do cozinheiro:

— Como foi que eu me salvei e ele ficou lá? Como foi, se eu não vi nada nem ninguém?

Não há chuva, não há vento, o mar parece um cordeiro. Não vale desfalecer. Pelas 10 da manhã, já próximo da costa francesa, encontram o «Quatre frères» — um lugresito de pesca, a motor, que levanta as rês e lhes dá reboque. Leva os naufragos para Sausset — mas, de caminho, cuida dos feridos e veste os nus. Depois — às 15,10 desembarcaram — os Socorros Nacionais Franceses tomam conta deles, dão-lhes roupa e quinhentos francos a cada um. Um grupo de senhoras accorre. Dão-lhes bebidas quentes, mais roupas. O coração dos naufragos abre-se para a confiança numa vida nova...

Seguem para Marselha numa ambulância da Cruz Vermelha alemã, levam-nos para um hotel e mandam celebrar uma cerimónia religiosa, lembrando a memória dos camaradas mortos. Assistem franceses, alemães, portugueses de três barcos surtos no pôrto: *Tágus*, *Lobito* e *Zé Manel* — e pelos três são distribuídos os naufragos do «Pádua», porque a fatura em Marselha não é tanta que aconselhe a sua permanência nos hotéis...

Enfim, a 2 de Novembro regressam! Vão voltar a Portugal, rever os filhos, as terras que os viram nascer... A casa, essa, a que era verdadeiramente deles, como se fôsse feita da própria carne — dorme no fundo do Mediterrâneo para sempre!...

Quando voltam, sem eira nem beira, choram, choram disfarçadamente, os lóbos do mar.

Em Gibraltar, nova paragem. Os ingleses acolhem-nos fraternais, e dão a cada um um saquinho: camisa, camisola, camiseta, ceroulas, meias de lã, casaco, cinto, dois lenços, sapatos de lona, «cachecol» — oferta das mulheres inglesas aos naufragos de todo o mundo.

Quando falámos com o comandante Silva Peixe, ele diz-nos:

— Perdemos tudo. Nem farda tenho.



O comandante Silva Peixe foi fotografado em Lisboa com a roupa emprestada pelo comboeiro do «Lobito».

E os instrumentos náuticos que me ficaram no fundo do mar e que eram meus, porque todos os comandantes são obrigados a tê-los, esses nem com 25 contos os compro.

— E agora?

— Agora, é tratar de tudo o que é preciso para que nos seja pago o seguro. Regularizar documentos para tratar das pensões de órfãos e viúvas...

— E depois?

— Esperar melhores dias. Os homens sofreram um grande e terrível choque. Tão cedo, naturalmente, não embarcarão...

— Foi a primeira vez que naufragou?

— A segunda. A primeira foi durante a outra guerra, na costa da América. O lugre foi destruído por um ciclone... Saí piloto de Lisboa e regressi capitão...

Tinha, então, 19 anos!...

Perguntamos ao comandante Silva Peixe se o barco teria, de facto, chocado com a mina.

— Não me resta a menor dúvida. E aos técnicos também não. Se fôsse de dia, talvez tivesse sido possível ver a mina à deriva. Assim...

— Mas por que não admite a presença dum submarino?

— O submarino aparece sempre depois de consumir o ataque ou antes de o realizar...

— Se fôsse de dia, então...

— Talvez se visse a mina que, suponho, teria sido arrastada por algum tronco de árvore e, ainda, pelos ventos e correntes de água...

— Portanto...

— Se fôsse de dia não teríamos perdido seis companheiros bons, leais, nem o barquito — o «Pádua», que era um pouco de todos nós, e de mim principalmente. Compreende: ia para 9 anos que ele era meu companheiro!...

Os tripulantes salvos: nem haveres nem alegria!



N. B. — Algumas das fotos que ilustram esta reportagem, incluindo a da capa, não se referem, evidentemente, ao afundamento do «Pádua». Publicando-as, quisemos apenas dar uma imagem do drama de tantos milhares de naufragos — drama igual ao dos nossos compatriotas e que constitui uma legenda trágica desta guerra.



# ACTUALIDADE

## O GRÃO DE BICO

**S**E dentro de cada homem há um mundo, na sua aparência espectacular, no seu rosto, esculpe-se muitas vezes uma analogia dum ser. Há parelhas fisionómicas esquisitas: com um cão, com um gato, um macaco e até com um crocodilo. Isto poderia servir para reforçar a doutrina darwinista, se ela não estivesse já tão contraditada, ou se se tivesse descoberto o fóssil do antropopithec alado, a cuja hipótese a ciência atribua a denominação de *missing link*, expressão que em português categórico se pode traduzir por «alé que está o buslúls».

Mas não é só com animais que certas pessoas se assemelham. A caricatura simbolista aproveitava-se, às vezes com rara felicidade, de similes, para focar alguns homens eminentes. O génio do desenhador está mais em descobrir a semelhança do que talvez em reproduzi-la. Porque estas causas nem todos as vêem. Ou se as vêem é depois de a arte dos outros lhas fazer ver.

Eu tive um amigo com um talento especial de perscrutar estas equações. Ia ao ponto de revelar paternidades que ninguém supunha existirem. Fazia-as com a mão esquerda, para dois ou três amigos discretos. Porque se o protagonizar umas insinuações ligeiras, não ouvando visá-lo directamente. Mas veio um mais atrevido que lhe chamou: «ó grão de bico». O homem, a princípio, riu-se com um riso amarelo. Mas, depois, começou a dar sorte. Não retorquia insultando, porque não era malcriado e conhecia a sua situação de dependência. Fazia-se vermelho às vezes perdia a cor, embarçava-se no serviço, esquecendo-se de trazer a um pão, vinho a outro, de mudar o prato, etc. Nós éramos rapazes, éramos trocistas e gozávamos com o constrangimento do homem. Mas em face da encavacação do homem resolvemos não insistir. Passaram-se dias sem que oúsássemos uma alusão picaresca. Olhávamo-lo sérios, com uma seriedade forçada, que se desfazia em risadas logo que éle acabava de nos servir. E,le, coltado, mostrava-se constrangido, recessivo e percebía que se por fora estávamos sérios, por dentro ríamos.

O mais picaro de nós, um rapazinho louro de olhos azues, beirão de gema, lembrou-se um dia de simbolizar a alusão. Sentou-se à mesa, sem dizer nada. Tratava o criado cerimoniosamente, sr. Francisco para cá, sr. Francisco para lá. Apenas se curvava para tomar o assento, punha um grão de bico defronte do talher.

O sr. Francisco, ao ver o simile da sua figura, torcia-se, retorcia-se. E nós quedos como penedos. Mas, desta feita, o sr. Francisco parecia que um dia ou outro, ia explodir. A cólera dentro d'ele reprimia-se, como o ar comprimido, prestes a rebentar.

Uma manhã, pois, ao almoço, o sr. Francisco entrou na sala com os pratos, uma pirâmide enorme, olhou para todos, olhou para a mesa, olhou para o grão de bico colocado em frente do menino louro, e numa convulsão histérica deixou cair a montanha dos pratos em cima do hóspede mais atrevido, para nunca mais aparecer.

Passou-se meia dúzia de anos, antes de tornar a ver o «Grão de bico». Casara, estabeleceu-se e já tinha dois «grãozinhos de bicos», um menino e uma menina, que eram a cara chapada do papá.

Um dia encontramos-nos na rua. Convidé-lo para tomar uma cerveja num café. Reportámos a conversa ao passado e veio à baila o grão de bico. Preguntei-lhe:

— Mas afinal, ó Francisco, porque deu você tanta sorte com o grão de bico?

— Olhe, meu caro, não foi tanto pelo apelido que os sr.s. me puseram e que talvez estivesse certo. É que antes de os sr.s. me alcunharem, já eu os tinha baptizado a todos. O Nunes era o cara de macaco, o lourinho era o piriquito e ao sr. que vinha sempre de «fraque» a bater as asas crismel-o de pavão. Quando chegava à cozinha pedia um bife para o pavão, uma sôpa para o macaco, dois ovos para o piriquito. O pessoal da copa, porém, quando me ouviu chamar grão de bico, não mais largou, porque reputou aquilo a justa punição do meu espírito crítico e chocarreiro.

Como o sr. vê, eu antecipei-me, mas os sr.s. sem o saber, vingaram-se estampando-me uma alcinha que se ajustava como a sôpa ao mel.

Aprendi com a lição e fiquei a saber que a modéstia e humildade do Francisco ocultavam um génio faceto e um tanto filosófico.

ANTÓNIO RUAS

## FALA-SE ESTA SEMANA

HERMANN HAUSER

*A Exposição Suíça, encerrada há dias, se outros méritos não lhe pudessem ter sido atribuídos, este outro lhe seria reconhecido: pôr-nos em contacto com um mundo de elite que a maioria da gente portuguesa desconhecia. Povo de alto nível moral e de cultura, a Suíça deus-nos, de facto, ensejo de um contacto notável com os seus expoentes máximos de actividade. E um desses, no campo das letras, foi o conhecimento de Hermann Hauser, que esteve entre nós como delegado da Société des Editions et des Libraires Suisses. A sua conferência na Sociedade de Geografia sobre «Les aspects particuliers de livre et de l'édition suisses» foi particularmente interessante.*



HENRY NORWEB

*Até há pouco, desempenhou funções de embaixador dos Estados Unidos na Argentina e vem agora, como ministro — sem baixar de categoria representar o seu país em Lisboa. O sr. Henry Norweb fala já o nosso idioma e visitou-nos em 1932, percorrendo então largamente o nosso país. O ilustre diplomata chegou a Lisboa e vem ocupar o seu novo cargo, sendo de esperar da sua acção os melhores resultados para o estreitamento de relações luso-americanas. O sr. Norweb tem dois filhos na frente de batalha e tem representado o seu país em diversas conferências internacionais de rádio — um assunto que lhe é particularmente familiar.*



## COMO ELAS SÃO...

**C**INTURA de dois palmos, boquinha avivada de baton, manêiras dengosas e um palavrão atrevido nos lábios escandalosos. Tête bem — personifica o tipo da menina moderna — educada nas platéias baratas do cinema e nas leituras mórbidas das paixões desencfreadas. Começou aos treze anos a pintar as unhas, a dar tons às madeixas, a posar infundáveis horas diante do espelho, a aceitar cartinhas aos rapazes do bairro; sempre progredindo conheceu os beljos frenéticos do cinema, os amuos, êsses flingimentos coloridos do celuloide, que eram o seu encanto. Decorou frases feitas dum francês de ouvido, o americanismo entrou-lhe, num tumulto desordenado, na cabecinha tonta e vazia — e então, desesperadamente, al se pôs ela a bater à mesa das esplanadas, de perna traçada, com a saia subida um palmo acima do Joelho, «cigarretes» voluptuosa nos lábios, uns olhos malancólicos de quem espera qualquer coisa indefnida que tarda...

A rapariga moderna perdeu do feminino aquêle encanto natural. Sem cultura nem vontade de se educar, propósito de tudo têm o mesmo vocabulário, quer se trate dum concerto ou duma toirada: é bestial! fantástico!

Ninguém nos venha dizer que os culpados dêstes desmandos não sejam os pais. É bom de ver que muitos ignoram — ou fingem ignorar. Ainda há pouco tempo num desafio de ebo-la ao cêstos andavam engalfinhadas uma dúzia de raparigas. O desporto robustece, diz-se. Pois não se faz idéia: rapariguitas magrinhas, tôdas clas, à simples vista, combalidas de anemia, corriam, saltavam — enquento os pais, irmãos, nas bancadas, batiam palmas, entusiasmados com a força e destreza das suas Júzus, Bétis, Zozôs e Lilis.

Noutros tempos, a rapariga, caseira e de boas famílias, bordava fazia meias para os asilos e lia românticamente chorando, os romances de capa e espada. Velo o cinema e com êle as modas de exportação. Initarum, exageraram e deturparam. Se veem a saia curta — poém-na curtíssima, se há um deslize de linguagem, começam por falar em calão de vieira, se os cabelos se usam repuxados, arripiam-nos com cosméticos e frisados e, num crescente assustador, chegam a mudar a cor da pele, como o camaleão, se não quatro vezes no dia, cinco vezes no ano. Tudo isto devido, sem dúvida, a um atrazo de mentalidade. É preciso, de facto, dar à rapariga uma educação sólida, baseada nos salutareis princípios de uma moral sã.

A própria época que vivemos, dum dinamismo vibrante, em que todos os dias a mulher é chamada para outros sectores da vida, dá-lhe também outros direitos. Mas, evidentemente, tudo isso tem a sua norma. Que fumem, que corram, que saitem; que guiem avlões e tenham «breves», que manajem o volante e discutam política — mas que se esqueçam de que são mulheres, essencialmente mulheres de lar, companheiras dilectas do homem, como arrimo espiritual numa existência reciprocamente vivida — isso é que é deplorável.

A mulher tem na vida a sua missão.

Fugir a ela — é tornar-se tudo — desde mimosa boneca de bazar mundano, a «vamp» caprichosa que dá vontade de rir...

MANUEL MARTINHO

## O REI DOS BELGAS FEZ ANOS

**L**EOPOLDO, o Rei dos Belgas, prisioneiro como o seu povo das forças ocupantes, festejou mais um aniversário. Naturalmente, no seu palácio onde envelhecem as rosas friorentas, não soaram, como há anos, para lá das grades, os acordes musicais e o tilintar das taças de cristal. Mas, como nos tempos de paz e felicidade Leopoldo, o bem-amado Rei, recebeu as delegações de camponeses que lhe foram ofertar parte das suas colheitas, que se transformaram em dadas aos pobres. E em todo o mundo, onde a Bélgica mantém representantes, o dia onomástico do Rei foi celebrado. Em Lisboa houve uma cerimónia religiosa e o sr. ministro da Bélgica, que vemos na foto, ofereceu no Avenida Pálace um «cocktail» aos membros da colónia belga.



# LELO PORTELA FALA FALA DA SUA VIAGEM A AFRICA DO NORTE



O tenente-coronel Alberto Lelo Portela é um nome que dispensa apresentações. O público conhece-o como escritor que sabe observar assuntos de guerra e comentar questões internacionais. Adido militar e do Ar, durante muitos anos, na Legação de Paris, impôs-se aí e grangeou, entre a oficialidade francesa, sólidas amizades. Frequentou em Paris o curso superior de guerra e teve como camaradas De Gaulle e Giraud.

Soubemos que Lelo Portela regressara há pouco tempo numa longa viagem ao Norte de África, onde assistiu aos grandes preparativos para a invasão da Sicília. Era, por isso, do maior interesse ouvi-lo:

— Deu-se bem com a sua viagem?

— Muito bem. Compreende...

não foi um passeio de recreio... nem agora se pode peregrinar através dum mundo em guerra. Todavia, visitei Marrocos, Argélia e Tunísia, onde colhi elementos para um livro sobre o desembarque aliado no Norte de África. Vou publicá-lo dentro em breve — e para isso obtive grandes facilidades dos franceses que me deixaram ver os arquivos do Estado Maior em campanha.

— E a acção desse livro passa-se...

— Evidentemente, na Tunísia. Falarei do esforço dos franceses, que muita gente ainda não compreendeu... Bem vê: graças à entrada das forças francesas na luta, ao lado dos aliados, os alemães não puderam realizar o plano de desembarque aéreo na Argélia e Marrocos. Um desembarque é uma operação demorada. Se o exército francês se tivesse oposto a aceitar a colaboração oferecida pelos alemães e ordenada por Vichy, talvez a operação aliada não tivesse resultado. As forças francesas, quasi sózinhas, reforçadas apenas por alguns elementos mecanizados e artilharia aliada, cobriram, desde Novembro de 1942 até Fevereiro de 1943, o desembarque, a concentração e a instalação das forças aliadas. Só em Fevereiro é que tomaram por sua conta a responsabilidade dum sector privativo. E essa operação foi superiormente concebida por Giraud, o grande general francês.

— E que pensa do curso da guerra?

Lelo Portela hesita um momento: Depois, prontamente:

— A operação aliada no Norte de África fez mudar totalmente a situação geral estratégica da guerra. E é interessante recordar: já num artigo da *Vida Mundial Ilustrada*, de Abril de 1942, eu fazia alusões a este teatro de guerra, salientando que dele dependia a vitória final...

Lelo Portela fez uma pausa.

• Achou que já tinha dito o suficiente... ou talvez não.

Agradecemos — e ficamos esperando pelo seu livro, que trará notas inéditas e aquela interpretação tão pessoal em Lelo Portela, que fizeram dele uma das mais populares e acatadas autoridades críticas do actual conflito mundial.

## VINHO NOVO DA CEPA VELHA!

PASSOU o S. Martinho, matou-se o porquinho, deu-se volta ao soitinho — e abriu-se o pipinho. É esta a expressão nortenha. As uvas doiradas e côr do manto de Cristo deram o seu sangue na prensa dos lagares. O sangue fermentou, fez-se espuma e recolheu ao repouso das pipas que lhe darão a transparência líquida, o perfume das flores e o gosto dos manjares.

Vinho novo da cepa velha, já feita maternal! Bonacho, um artista de nome, dá-nos esta imagem terna: vinho novo, sangue de Cristo, vigor do nosso corpo — que bom saíste este ano!



## NOTAS RAPIDAS



No Circulo Eça de Queiroz, foi oferecida uma festa de homenagem ao sr. Embaixador do Brasil, que se fez acompanhar de sua filha, a senhorinha Maria Helena Neves da Fontoura. No serão, que foi muito concorrido, exibiram-se os artistas de rádio, recentemente premiados no concurso da Emissora Nacional.



A aviação não esquece os seus mortos. Sacadura Cabral, que desapareceu há 19 anos, com o mecânico Pinto Correia, deu à Aviação Naval, com o seu desaparecimento, a data de homenagem a todos os aviadores mortos. Na cerimónia evocativa, efectuada no Centro da Aviação Naval, estiveram altas patentes da marinha, sendo colocadas flores no monumento que recorda a viagem ao Brasil, por Coutinho e Cabral.



Carlos Carneiro, que há meses regressou de uma viagem pela França e Alemanha, onde foi muito apreciado, encontra-se no Pórtio e fez ali uma exposição dos seus últimos quadros. O triunfador da galeria Buchholtz, Leipzig, Gertrasse, Berlin, triunfou, mais uma vez, na nossa terra, tendo assistido à inauguração da exposição muitos elementos da colónia alemã.



O sr. tenente coronel Salvação Barreto presidiu à sessão inaugural das aulas no Instituto Nacional de Educação Física, na sua qualidade de Director Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar. A cerimónia foi singela, servindo de pretexto para pôr em relevo a obra já realizada em 5 anos de inteligente exercício daquele organismo de formação de professores.

## O HUMORISMO NO CINEMA

**N**O Odéon passou, há dias, em sessão privada, o filme «Parada de Malucos», versão portuguesa do intraduzível «Hellzapoppin». Como o título indica, o filme é bastante louco, e fará com certeza as delícias dos que apreciam, na tela, o humorismo, sem peias nem limitações.

Os «gags» sucedem-se num ritmo alucinante e primam pela mais desvaída e desenfreada fantasia. O filme tem, por vezes, o jeito desconcertante daqueles intermédios dos «clowns», no gesto simbólico de dois esfomeados ante uma mesa de iguarias, em que um come até à saciedade e o outro, que não participa do festim, é que limpa a boca com o guardanapo...

O cinema cómico, talvez por influência de Bob Hope, está a enveredar decididamente pela exploração da própria convenção cinematográfica. Por outras palavras: as figuras e os factos da colónia de Hollywood parecem tornar-se, cada vez mais, no tema favorito dos humoristas americanos. Em «Sedução de Marrocos» essas alusões iam até o ponto de prejudicar por vezes a compreensão integral do diálogo. Cito, por exemplo, as referências de Bob Hope a *Mr. Jordan*, do filme «Here comes Mr. Jordan», exibido em Portugal com o título de «O defunto protesta» — referências que, aliás, aparecem novamente em «Hellzapoppin». Os prémios da Academia, as manias dos actores célebres, os escândalos de Hollywood — constituem os temas da moda nos filmes de bom humor. E não deixaram até de aparecer comentários como este, no decorrer da acção: «para que havemos de nos estar a ralar, se tudo isto é fita»... É claro que esta espécie de humorismo tem graça, sobretudo se dela não se abusar — e se o público não experimentar a sensação de que os actores estão a «chuchar» com ele, como se diz em calão académico...

Ora na «Parada de Malucos» os actores param de representar para se dirigir ao público, invectivam os projecionistas — e o próprio filme tira efeitos cómicos do desquadramento das imagens e da deficiente fixidez das mesmas, acidentes que costumam revelar apenas a incompetência dos homens da cabina.

A «Parada de Malucos» justifica largamente, com estas e outras fantasias, o título português. É uma obra à parte — e digamos, até, única. Porque não supomos possível insistir nesta espécie de humorismo.

Para um actor, nada é mais difícil do que meter-se com o público. Comunicar do palco para a plateia exige um complexo de qualidades baseadas num sólido prestígio. Estamos a lembrar-nos até de certa história que se conta, sucedida com um «compère» de revista que tinha a mania de assinalar a presença dos retardatários:

— Só agora?! V. Ex.º veio um pouco tarde...

Certo dia, um espectador mais azêdo recostou-se na cadeira e contou-lhe a palavra, respondendo-lhe no mesmo tom:

— Ainda venho muito a tempo de o mandar...

Que o cinema aplique o conto.

FERNANDO FRAGOSO



## EU CANTO, TU CANTAS E TODOS CANTAMOS

**D**IVERTIR os soldados — eis a suprema ambição das vedetas de Hollywood, nas suas horas de ócio. Dêste modo, os artistas entendem, e muito bem, que contribuem para o esforço de guerra — pois dão aos seus soldados a força da alegria e o carinho da sua presença. E eles — tudo merecem!

Ultimamente, realizou-se num campo de instrução uma festa rija. Os «astros» e as «estrêlas» da Cinedlândia compareceram em larga escala.

E de todos os números o que mais agradou foi este: o terceto formado por Deanna Durbin e os popularíssimos cómicos Abbott e Costello. Escusado será dizer que os últimos não cantaram. Mas procederam, mimicamente, como se acompanhassem Deanna — num conjunto cómico, verdadeiramente inesperado e surpreendente...

E o efeito foi de tal forma irresistível que se atentarem na foto verão que a própria Deanna Durbin não conseguiu manter a seriedade...

## ENTRETER O PÚBLICO ACREDITEM SE QUIZEREM...

Lêmos, há dias, numa revista corporativa: «entretêr o público — é o principal». Eis uma frase que vale um programa. Admiti-la, para um produtor, é o caminho do êxito. Cumprí-la e demonstrá-la, para uma firma cinematográfica, é mais do que o êxito — uma fortuna!

\*\*\*

O México produziu «A Virgem Morena», que nos conta o milagre de Santa Maria de Guadalupe, o milagre da reconciliação dos nativos com os espanhóis colonizadores. A revista «Hoy» comenta as reacções do público: «certas passagens provocaram calorosas ovações e, em determinados momentos, os espectadores não reprimiram gritos de entusiasmo»...

Aqui está — a ser verdade — aquilo a que se chama dar ao público o que ele quer — ou, por outras palavras, entrete-lo!

\*\*\*

Uma frase publicitária de «Crash Dive»: «quando o submarino ataca a base secreta inimiga, os cabelos do espectador põem-se de pé...».

Isto já não é entrete-lo — é assustá-lo... Mas assustá-lo não será outra forma de lhe prender a atenção — pelo terror?...

\*\*\*

«Esta noite bombardeamos Calais» — que marca a reaparição de Annabella — é uma película feita «para emocionar e produzir sensações». A sua finalidade é esta: não deixar repousar os nervos do espectador. Entrete-lo, neste caso, — é mantê-lo numa ansiedade e numa tensão permanente.

## FILMES QUE VAMOS VER

«Olhos na escuridão» é o título dum filme policial que tem estas estranhas características: o detective é cego e vê através dos olhos do seu cão, que não é outro senão o famoso «Sexta-Feira», de que o «Diário de Notícias», há dias, nos deu um retrato sugestivo.

«Splitfire» conta-nos a história de J. R. Mitchell, o inventor dos famosos aparelhos de caça que decidiram a batalha de Londres. Leslie Howard, o malgrado de Leslie Howard, é o protagonista.

«Encontro em França» marca a reaparição de Joan Crawford, na figura duma mulher de espírito indomável, a quem chamavam a «Joana d'Arc da França ocupada».

«A Vingança dos Mortos» («Wake Island») revê a epopeia das forças americanas, na defesa da Ilha de Wake, que resistiu aos invasores durante 14 penosos dias. Intérpretes: Brian Donlevy e Robert Preston.



Em Lisboa já faz frio. Mas na Califórnia, Dezembro é festejado com um sol admirável, que convida à alegria do mar. Aqui têm Ann Rutberford, na praia de Santa Mónica.

# MANUELA CASSOLA

UMA DEANNA DURBIN PORTUGUESA, que não será estrêla de cinema!



A história desta pequena conta-se em duas linhas: um dia, apareceu num jornal um grito de súplica: temos uma Deanna Durbin sem dinheiro para educar a sua voz excepcional!

No dia seguinte, Maria Antónia Palhares aparecia: que venha essa menina aprender comigo a cantar. E a menina, que tinha 15 anos e se chamava Manuela Cassola, apareceu para surpreender quantos a ouviram! Era, de facto, um assombro de voz, uma graça de zapafiga! Manuela Cassola havia de ser uma grande artista lírica — tanto mais que tinha excepcionais dotes de actriz. É claro que surgiram imediatamente grandes dificuldades: os pais de Manuela eram pobríssimos e para aprender a cantar não basta ter lições de graça.

O lar de Paulo de Macêdo, um trabalhador dos jornais, que mandara o apêlo para o jornal e que era vizinho da mlúda, passou a ser o segundo lar da pequena artista — o que não quer dizer que terminassem aqui as dificuldades: casa de pobres...

Manuela Cassola teve de se matricular no Conservatório, na arte de representar, e na classe de solfejo, aprender tudo o que o curso determina e a sua privilegiada inteligência abrangia facilmente.

Mudou de professora: Marina De-vender Gabriel foi procurada. Quando pela primeira vez a acompanhava, parou surpreendida e ficou estática a ouvir o rouxinol português:

— Que linda voz, minha filha! Em qualquer parte do mundo a tua voz é linda e magnífica!

Mas o dinheiro faltou outra vez — e a pequena não voltou à lição:

— Então?

Diante das dificuldades — a professora venceu: que venha, que não pense em dinheiro! É preciso acabar!

No Conservatório, Manuela Cassola é o âl Jesus dos professores. Assis Pacheco, Maria Matos, Alves da Cunha, todos reconheceram o valor da pequena artista. Agora andava ela doente, fatigada de tanto estudo e falta de ambiente caseiro. E logo os professores propuseram:

— Quotizamo-nos, vais para uma casa de repouso, trata-se e damos-te uns quinze dias de férias!

Manuela Cassola é alegre como uma avezita — dizem que é capaz de cantar debaixo de água... — tem um rosto engraçado de menina, como qualquer Shirley crescidinha com voz de Deanna Durbin. E tem um desejo enorme de vencer. Ela que nunca quis exhibir-se em público como menina prodígio ou menina habilidosa — estava agora resolvida a tentar o teatro de declamação, para ganhar alguma coisa e poder acabar o seu curso de cantora lírica. Andava a ver...

Mas, de repente, lembrou-se de Artur Duarte e do cinema. Talvez fosse bom tentar!...

Simplemente, Artur Duarte tem boas razões para supor que a vedeta de «A menina da Rádio» será, finalmente, interpretada por Milú...

Diante do «caso» Manuela Cassola, o realizador do «Costa do Castelo» foi amável e magnânimo:

Manuela Cassola entrará no filme, sem nome no cartaz, como tantas outras que entrarão também, e sem mostrar a excelência da sua voz. A pequena cantora ficará apagada como artista cinematográfica — mas, em compensação, a futura diva, ganhará para as suas lições de música e de canto!

E aqui está como Manuela Cassola, uma pequena engraçada que sabe rir e há-de poder — será um dia estrêla de teatro e não brilhará no cinema!



## TRISTAN BERNARD Foi prêsolo!

O popular autor dramático e humorista célebre foi prêsolo em Cannes. Ignora-se ainda quais as razões que originaram esta prisão.

Este homem, um dos maiores humoristas do mundo, que a nossa foto mostra com a sua barba legendária, a contrastar com a sua bonhomia habitual e reservada, foi prêsolo pelos seus compatriotas. Depois de ter feito sorrir meio mundo, Tristan Bernard é hoje também uma das vítimas desta guerra.

# TEATRO

## As três pancadas

Durante muito tempo falou-se da entrada de Olavo de Aca Leal para o D. Maria. Depois, os jornais calaram-se e o público ficou sem saber porque razão o Olavo não foi para o Nacional...

\*\*\*

Diz-se que Maria Domingas vai de novo para o teatro. Que seria para breve a sua estrêla num dos nossos teatros de revista. Será verdade, ou boato?...

\*\*\*

Fala-se também muito, na ida para o teatro, de Alfredo Marceneiro no nosso fadista N.º 1. Depois de Amália, Berta Cardoso e outras, não há razão para que não vá também o Marceneiro. É o Teatro enchia-se, com certeza.

\*\*\*

Diz-se já que vai fazer um certo «barulho» a apresentação de «Frei Luis de Sousa» em trajos modernos. Lá fora, isto tem-se feito muitas vezes mas no nosso país é inédito. Dai o barulho...

## UM BOATO QUE NÃO É BOATO! FRANCIS Vai interpretar "Hamlet" no Nacional

UMA pequena notícia num jornal da tarde despertou-nos a curiosidade. Seria possível Francis, o primeiro bailarino de «Verde Galo», ir para o teatro interpretar o «Hamlet», de Shakespeare?...

Não hesitámos. Pegámos no telefone e ligámos:

— Allô... Francis?

— Sou eu mesmo.

— Corre em Lisboa um boato. Você já sabe do que se trata... é verdade ou não?...

A voz fina e amável de Francis responde-nos primeiro com uma pequena gargalhada:

— Sabe... o jornal onde leu essa notícia adiantou-se um pouco. Não é uma coisa ainda definitiva...

— Mas a notícia é de sensação...

— É um sonho meu de há muitos anos... uma ideia que tenho trabalhado para um dia poder realizar. Você compreende: não é coisa que se faça assim sem pensar. É uma grande responsabilidade... tudo quanto representa uma empresa dessas. Mas há ainda muitas dificuldades. Tenho amigos que me ajudam a realizar esse sonho que trago comigo há muito tempo, mas não sei...

— Quando pensa que poderá realizar esse sonho?...

— Se o realizar, é para o ano... Mas nada mais lhes posso dizer... De concreto, ainda não há nada. E já que a «Vida Mundial» se interessa tanto pelo facto, prometo-lhe a notícia em primeira mão!

— Fica prometido?...

— Pode contar!

E, agora, leitores, esperemos a confirmação — ou melhor: a realização do sonho de Francis, fazendo desde já votos por que depressa se converta em realidade. É como sensação — será uma sensação!

## 4 IMAGENS DE MUSIC-HALL...

...São isto mesmo: uma portuguesa que canta: Maria do Rosário; uma espanhola que dança admiravelmente: Anita Costa; e ainda a alma do fado a cantar divinamente: Amália Rodrigues; e uma espanhola, Pepita Ruiz, que agradece, risonha, as palmas dum público amigo.



# LITERATURA

## “AS MULHERES NA OBRA DE EÇA DE QUEIROZ”

de Luiz de Oliveira Guimarães

O breve estudo que Luis de Oliveira Guimarães publicou na Seção Gládio (1) — mais propriamente colectânea de artigos do que ensaio bem estruturado — vem evocar na obra de Eça um dos aspectos que tem sido menos criteriosamente observados e compreendidos. O grande romancista tem sofrido da crítica, com singular relevo, desse excesso de perspectivismo que entre nós condiciona, quasi sempre, o julgamento póstumo dos escritores. Discutem-se as obras, ainda que sejam estritamente originais e únicas, não através da personalidade do autor e das condições pessoais em que escreveu, mas sob o signo das predilecções políticas, morais ou estéticas dos pseudo-críticos.

Para que assim succedesse com a obra de Eça de Queiroz concoreu, sem dúvida, a falta de estrutura ideológica sólida e definida que caracterizou o genial artista. O lirico amor da humanidade, o alento de piedade e comocão recôndita, a repugnância pela violência sem justificações, pelo egoísmo do poder ou do dinheiro, pela crapulosa indiferença dos privilegiados que a todo o passo afloram na sua obra, não foram suficientes para garantir a perspectiva unânime na crítica das suas idéias. E assim aconteceu com a sua opinião sobre a Mulher e as mulheres, expressa directamente ou na transfiguração das personagens concebidas em romance.

A lirica exaltação da Mulher convencional e simbólica ou o pessimismo com que imaginou e descreveu os seus tipos femininos, são igualmente muito pouco para fundamentar um sistema geral de idéias sobre a mulher verdadeira e humana. Assim foi possível à crítica reaccionária ou piegas fazer lamentações grotescas sobre a «incompreensão da mulher portuguesa» por Eça de Queiroz, e à crítica demolidora de curtas vistas defender a sua amarga visão do feminino como repúdio político da sociedade burguesa e monárquica, nos seus hábitos mundanos e educação absurda. Mesmo um escritor como Luis de Oliveira Guimarães, com a sua verve brilhante de cronista social a quem não escapam os pequenos traços reveladores e o seu desejo de imparcialidade, não pôde fugir a essa attitude excessivamente defensora que é uma das mais fortes razões para mal julgar.

Escapa-lhe o mais subtil e mais profundo da obra de Eça: o conflito entre o ideal e o real, que é o fundamento do dramático neste escritor a que se chama tantas vezes um humorista sem mais nada; a distância entre as intenções do crítico social

e realista que tinha ante os seus olhos uma sociedade corrupta e fútil e a natureza do homem essencialmente afectivo mas privado de uma estrêna filosofia da vida. Demais, Eça não foi apenas um espectador e crítico arguto da sociedade do seu tempo: foi também um produto dela. E é sempre dolorosa e difficil a situação do homem que luta contra a sua época, com quaisquer armas e qualquer similitude, trazendo ainda com a «cinta amarrada aos pés o duro fardo da sua herança de homem vivo.

Com isto não se faz humorismo — sofre-se. O sorriso, a ironia, mesmo o sarcasmo, voltam-se muito mais contra quem os desferre do que contra o monstro de inúmeras cabeças que se pretende abater. O pessimismo de Eça, muito inteligente e de cristalina bondade, não era um pretexto de chalacha como no «malho das «Farpas», demasiado medíocre em tantos aspectos da sua personalidade moral e literária. Era um conflito interior que ovorava na ironia a melancólica e subtil «atharsia».

O pessimismo de Eça de Queiroz é, sobretudo, um inteligente pessimismo sobre ele próprio, como homem fraccassado na acção e incapaz de construir uma filosofia satisfatória; a ironia é principalmente auto-ironia — defesa contra as infirmitades da vida, os desfalecimentos morais, os impulsos da vaidade illusória, os fantasmas da ambição in-comportável.

O livrinho de Oliveira Guimarães — incluído numa coleção cuja mediocridade absurda não posso deixar de referir aqui — tem o mérito principal de colocar o problema com generalidade para Eça de Queiroz, que não tem culpa de ser julgado sob a lastimável perspectiva que encontramos na maioria dos seus criticos.

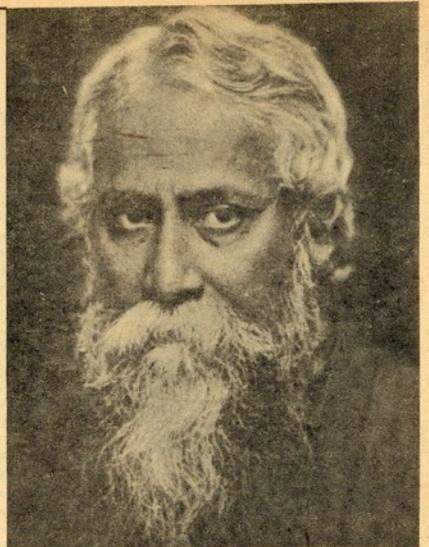
As mulheres que o romancista descreveu não são, realmente, a Mulher que o homem pensou; a Mulher para Eça de Queiroz não era a burguesa pervertida pelo romantismo ou pela sacristia, a mundana envenenada pelo artificial, a bêsta de instintos desenfreados. Era, sem dúvida, o ser de «carne y huesos» que superava igualmente a fantasia lirica e a visão dos costumes de uma classe apodrecida — dolorosamente partilhada entre as solicitações da sua natureza e as aspirações da purificação ideal. Ambas as coisas conhecia Eça muito bem e esse devia ser, talvez, o fundamento dos seus julgos sinceros sobre a realidade humana.

ALVARO SALEMA

(1) Livraria Clássica Editora.

## TAGORE

Uma legenda espiritual da Índia



POETA supremo da Índia contemporânea, escritor de génio universalista, Tagore foi, acima de tudo, na realidade da sua existência de apóstolo, um pedagogo de forte alento renovador. Em *Sbantiniketan*, a cem milhas de Calcutá — onde morreu há dois anos — entre bosques e paredes brancas, este velho de longas barbas patriarcais viu decorrer a vida, em que os outros se consomem no tumulto e no ódio, com o cuidado único das coisas espirituais e o culto místico da Beleza. A sua figura e a sua vida foram, na realidade, uma obra de arte — o que é raro e supremamente difficil para um escritor do nosso tempo.

## RAMALHO ORTIGAO

A experiência do jornalismo, com que Ramalho iniciou a sua vida literária, serviu-lhe admiravelmente para conhecer a realidade da politica e do jornalismo em Portugal. Além de tudo mais em que a sua personalidade de escritor avulta, Ramalho foi sempre, como disse uma vez Junqueiro, «um repórter de génio».

Como jornalista a sólido, nem todas as tentativas lhe trouxeram êxitos. Uma vez publicou num jornal do Porto um artigo de fundo em que contradizia involuntariamente a doutrina expressa no editorial do dia anterior. O director do jornal verberou-lhe o facto e Ramalho respondeu: «O sr. paga-me para escrever, mas não me paga para ler...».

## FAÇA DE PAPEL

— Leopoldo Nunes vai apresentar um estudo crítico e literário com grande interesse, pela vaga em que está actualmente os temas queirozianos: «Eça de Queiroz, jornalista».

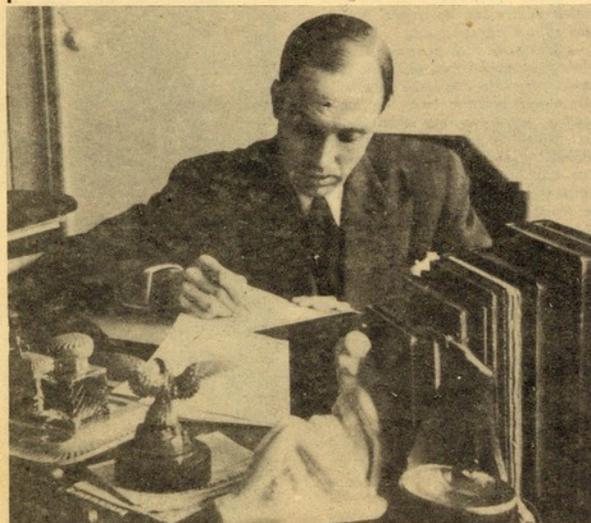
— O romance com que Metzner Leone se estreia no género intitula-se «A mulher nua» e vai ser apresentado por estes dias.

— A «Vida Mundial Editora» vai pôr à venda brevemente uma tradução do romance francês «Fugiu uma espiã», adaptado por Gentil Marques.

— A Parceria A. M. Pereira editou um romance de Eduardo Correia de Matos, «Ha quem se esqueça de viver», em que são apresentados problemas de índole moral e religiosa com evidente oportunidade. A obra tem mais o carácter de depoimento vivo do que criação literária, com as vantagens e inconvenientes que resultam do facto.

— Armando Ferreira, humorista de grandes êxitos, tem o imprimir dois novos volumes de contos: «Loça das Caidas» e «Coisas da Maria Rita».

## 10 MINUTOS COM JOAQUIM PAÇO D'ARCOS



A margem de qualquer escola definida e com tenacidade extrema, Joaquim Paço de Arcos tem firmado o seu nome no romance português contemporâneo, construindo uma obra sem outras intenções que não sejam as da própria vocação literária do autor. O grande publico conhece-a e aprecia-a; e o recente estudo que publicou sobre o romance e os romancistas revela em Paço de Arcos um escritor capaz de criticar a sua obra tanto como a dos outros e de compreender a critica alheia como autor que vive muito intimamente nas suas criações.

Sobre os seus actuais e próximos trabalhos, declarou-nos Paço de Arcos:

— Este inverno devem sair reeditadas de algumas obras minhas esgotadas: a 3.ª de «Amores e Virgem», a 6.ª de «Ana Paula», e 3.ª de «Nave sobre o mar». Espero representar também, nesta época, uma peça no Teatro Nacional: «Direito de opção». Se ela resistir à prova da ribalta, conto publicá-la em seguida, como já fiz com outra peça que fiz representar: «O cumplice». Mas tudo isso, reedições e peça, são obras já concluídas. Em mãos, actualmente, tenho um romance: «O caminho da culpa» que não tenho pressa de publicar; talvez para o outono de 44, se ainda for vivo... e se ainda houver publico para romances...

As correntes mais modernas da nossa literatura mereceram ao autor de «Ana Paula» estas palavras:

— «Eu nunca gostei de ir com a corrente. Sigo o meu caminho isolado e vejo-as de longe... Olço falar muito no neo-realismo e, de vez em quando, recebo uma pedrada porque não sou neo-realista. De resto, falar de correntes é, às vezes, uma forma hábil de cobrir, com o seu véu da generalidade, a mediocridade dos acorrentados. Quando um valor se afirma, e muitos se têm afirmado, graças a Deus, a primeira prova desse afirmação está em libertar-se das correntes.

Pedimos-lhe, finalmente, a opinião sobre as possíveis influências da guerra no romance:

— Há que differenciar influencia na produção livreza e na literatura, no que esta significa arte e no que tem de eterno. Há muitos livros de comentário e de documentação sobre os acontecimentos, alguns valiosos. Há duas ou três tentativas artisticas, no número das quais tentei introduzir um livro de novelas: «Nave sobre o mar». Mas a grande e profunda influencia da guerra na literatura, ainda talvez não se faça sentir entre nós, por termos, até aqui, sido poupados aos seus sofrimentos.

Assim, a influencia, quando se desenhava, talvez seja mais, já, a das consequências da guerra do que a da própria guerra em si.



# ZANGARAM-SE AS IRMÃS MEIRELES...

e Artur Duarte não perdeu a esperança de que Milú faça a "Menina da Rádio"...

MAS vamos por partes. Entre o meio radiófilo a notícia correu depressa. As Irmãs Meireles, essas três «gracças» da Rádio tinham-se zangado e iam-se separar, abandonando a rádio e os seus admiradores que não são poucos. E cada pessoa explicava o facto a seu modo, que isto, que aquilo, que o Artur Duarte constataria a Milú, que a Rosário se mordera de ciúmes, que a Cidália protestara e, por fim, se armou tão grande discussão que as irmãs, amuadas, resolveram não mais trabalhar juntas, acabando de vez com o trio.

Em virtude daquela lei infalível que ainda nenhum «bbo enunciou, no caderno de notas do repórter havia tódas as moradas menos a das Irmãs Meireles. Telefonou-se ao Artur Duarte:

— Já sabe que as irmãs Meireles se zangaram?

— O quê?!

— Zangaram-se! Não sabia?

— Não.

— Mas sabe a morada delas?

Um silêncio demorado e, de novo, a voz de Artur Duarte:

— Também não sei. Tenho muitas fotografias, mas nada de direcção. Procure na lista.

Procurou-se na lista e o repórter empalideceu: havia nada menos do que dez Meireles...

É ditado velho que os bons pensamentos chegam sempre tarde. Por isso só em último lugar o repórter se lembrou da Emissora Nacional, donde informaram:

— Travessa das Mercês, número... É melhor não dizer o número, para as manas não serem apouquentadas pelos importunos.

A escada é confusa, cheia de corredeiros. Por fim, o repórter lá atinou.

— As irmãs Mei...

Mas não concluiu, porque a Cidália, ela mesma, lhe aparecia pela mão. Nos lábios nem a sombra de um sorriso.

— Pode chamar as suas irmãs?

Na voz da Cidália havia ressentimentos...

— Não falo com elas!

— Então sempre é verdade que se zangaram?

— Zangámo-nos, pois!

Nesse mesmo instante, a Milú e a Rosário fizeram a entrada. Vinham sorridentes, a cantarolar uma modinha que andavam ensaiando.

— Olá!

— Olá!

É assim que elas cumprimentam.

— Olá! — disse o repórter. Sentaram-se numa divã. A Cidália, a fingir-se amuada, pusera os olhos no chão.

— Vamos lá a saber: porque se zangaram?

— Por nada — disse a Milú, a mais azougada das três.

— Foi por questões «técnicas» — explicou a Rosário — Não vê que tódas nós gostamos de fazer a primeira voz... porque realça mais... e...

— Não foi só por isso! — exclamou a Cidália, fixando a irmã. — Não vê que a Milú prefere música americana, a Rosália música séria, género Deana Durbin... e eu... e eu música folclórica portuguesa. E aqui começou a discussão!

— A única que está zangada é ela — disse a Milú com os seus olhos gaiatos a brilhar. — Diz que nunca mais quer cantar connosco. Mas não faça caso. Aquilo passa-lhe e amanhã já ela está boa... Não é verdade, Cidália?

Resposta séca.

— Não!

O repórter aprovou:

— Concorde com ela. Devem continuar zangadas, pelo menos até que saia a «Vida Mundial Ilustrada».

Para se fazer uma fotografia, as três irmãs foram obrigadas a juntarem-se e a sorrirem como nos dias descuidados em que não havia amúos nem zangas, nem ameaças de abandonarem a rádio.

O repórter fez outra pergunta:

— Sempre é verdade que partem para a Espanha?

A resposta veio em côro.

— Sim! No fim do ano. Vamos filmar. Foi o director da «Mundial Filmes» que nos convidou.

— E sempre é verdade que a Milú vai substituir a Milú?

E elas, em côro mais afinado:

— Isso!...

— Mas o Artur Duarte disse...

A Cidália interrompeu o repórter:

— Ele assim que viu a Milú gostou muito dela. Ainda com a Milú em Espanha já o Artur Duarte lhe tinha dito que, se ela não voltasse, seria a Milú quem faria o primeiro papel da «Menina da Rádio». E pronto!

As vezes ainda aparece uma ou outra boa alma que oferece uma chávena de chá ao repórter. As Irmãs Meireles nada ofereceram. Em contrapartida, brindaram-no com uma nova canção que, em breve, será transmitida na hora de variedades da Emissora. Não se pode comparar um chá com uma canção. Todavia, elas cantam maravilhosamente bem.

O repórter saiu e, nem de propósito, topou com o Artur Duarte que entrava no «Paladium».

— Então, o Milú substituirá a Milú?

O Artur Duarte fica a balancear a cabeça.

— Ainda não é certo, mas...

Fica-se em «mas», para concluir, depois:

— Tenho ainda outras candidatas, talvez mesmo que o noivo da Milú se resolva a deixá-la filmar... Mas...

E, para se livrar de perguntas embarracantes diz mais um colá a «Irmãs Meireles» e escapa-se pela porta giratória.

RREPÓRTER UM

# R A D I O



## À ESCUTA

## HAZEL SCOTT

Por que razão o Rádio Clube Português, nas suas emissões de música de dança, continua a dar discos que têm data... «Fozes» de 1910 e 1920... Cremos que ao Rádio Clube Português não faltam discos modernos, mas... por que não os tocam?...

\*\*\*

Rádio Peninsular apresentou há dias um pianista género Charlie Kuns; Raúl Rodrigues (também organizador de programas) Raúl Rodrigues tem boas qualidades e é pena que não cuide mais da mão esquerda que nos parece deficiente.

\*\*\*

Não seria possível que Jorge de Melo imitasse menos Jean Sablon e que quando o faz não assassinasse tanto o francês? Preferíamos que as suas interpretações fóssem originais

TODOS a viram em «Saúde, amor e dinheiro», ao piano, executando naquela extraordinária composição que começava em «música erudita» e, aos poucos e poucos, ia ganhando um ritmo novo, diferente, até que se transformava em «swing».

O ano passado, Hazel Scott, a negra mais bonita da América, ganhou nada mais nada menos do que 20.000 dólares. Aos cinco anos já ela encantava tóda a gente do seu bairro, tocando Bach, Beethoven e Brahms. Hoje, é disputada por todos os realizadores e estações de rádio do Novo Mundo.

## UMA NOVA ORQUESTRA DE CÂMARA



A idéia partiu das Emissões Atlântico e de depressa ganhou forma. Por que não criar uma orquestra de câmara formada por alunos do Conservatório?

E vieram adesões. Hoje, a orquestra é uma realidade — uma esplêndida realidade. Homens e raparigas — 22 jovens cheios de entusiasmo e de talento — vão, dentro de dias, transmitir pela primeira vez. Escutemo-los com carinho, que eles merecem ser acarinhados...

# DESPORTO

## OS CLUBES NAUTICOS

precisam de instalações

**A**S instalações dos clubes náuticos constituem de há muito problema que urge solução. O tempo tem passado sem que nada se resolva. E, todavia, cada vez é mais instante. Sem receitas extraordinárias, vivendo exclusivamente da cotização dos seus associados, os clubes náuticos têm uma vida difícil. Sempre tiveram, aliás. E como se isso, por si só, não bastasse, vêem-se a braços com uma iminente crise de instalações. Por necessidade de modificação dos cais do Pôrto de Lisboa, é natural que a Associação Naval de Lisboa e o Clube Naval dentro de pouco tempo estejam privados da sua casa. De momento, porém, a mais directamente ameaçada é a Associação Naval, com o seu barracão totalmente tapado para o rio e já sem ponta de mebarque para os seus remadores. A velhinha e gloriosa colectividade vê assim diminuído consideravelmente o seu raio de acção. É-lhe impossível trabalhar os atletas e estes, compreensivelmente, afastam-se. Pode dizer-se que toda a actividade da A. N. L. está suspensa, com excepção feita à vela. Os seus dirigentes, ante a perspectiva da ordem de despejo, procuram conseguir nova localização. É extremamente ingrata a tarefa. Sabemos que acalentam a esperança de obter um barracão no Cais do Gás, na vizinhança do Clube Naval ou, em último caso, nas proximidades dos Caminhos de Ferro. A primeira hipótese era mais vantajosa para o desporto do remo. Os Caminhos de Ferro ficam muito distantes e uma ideia primitiva de juntar todos os grêmios náuticos em Belém, num dos pavilhões que serviram para a Exposição do Mundo Português, não passava de pura utopia, que teria como consequência, quasi imediata, acabar definitivamente com o pouco que ainda se faz. Estas agremiações devem estar próximas umas das outras e nunca a expressão navegar nas mesmas águas teve tão natural aplicação. O contacto frequente entre elas serve melhor a causa, pelo estímulo que lhes incute. Devem saber uma das outras. Os segredos são dispensáveis no remo. É irrisório conceber a sua existência. De uma estreita colaboração nasce maior perfeição e mais útil propaganda.

Paraite o «temporal» que pára hoje pela Associação Naval e que amanhã, possivelmente, tocará ao Clube Naval, ocorre perguntar: porque se não unem, não só estes, mas todos os clubes náuticos e não fazem uma representação, a quem de direito, no sentido de lhes serem concedidas instalações dignas da sua importância e da sua missão, em local não só devidamente apetrechado como central?...

Se a união faz a força, os clubes náuticos não devem esquecer que têm por si a força de um passado que muito brilho deu ao desporto nacional. Devem dar-se as mãos e agir em conjunto. Os esforços dispersos, raramente vingam!

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

É assim a assistência às provas de esquí na Noruega!... O esquiador até parece que vai saltar por cima do público...

## NA VESPERA DA DESPEDIDA... SOEIRO MARCOU 450 TENTOS!

**F**ALTAVA um minuto... Portugal acabara de empatar o desafio com a Espanha no extinto relvado do Lumiar. O remate fulminante de Artur de Sousa batera Elzaguirre pela 3.ª vez. A igualdade em tentos, depois dos portugueses terem estado a perder por 0-3, galvanizara a multidão. Pressencia-se que a turma nacional poderia vencer... Os portugueses, num impeto irresistível, desbarataram a linha média espanhola, a meio campo, e gizeram uma avançada. Três, quatro passos, e a baliza ficou à vista. Há um centro da direita, tirado por Mourão. A bola vem a cair na área de penalty. Vê-se um pé português fazer-se ao esférico... Tremendo hico... O lance tem a rapidez do relâmpago. Tentos! — grita-se de todos os lados! O seleccionador, Cândido de Oliveira, irrompe no campo, de braços abertos, para abraçar o autor do remate vitorioso... Mas a hipótese de 4-3 dilui-se junto ao poste, raspa-o pela passagem brutal da bola, que saíra ao lado... Perdera-se a última esperança e esse êxito era bem merecido. Consagraria mais ainda o famoso, leal e viril Manuel Soeiro Vasques.

O Manuel Soeiro dos remates de veadores, recorda de tentos várias épocas espectro dos guarda-redes pela violência do pontapé, sossêgo dos mesmos pela lealdade e correcção, está de despedida. Deixa em deficitivo as pugnas desportivas. Com trinta e seis anos de idade, entretanto que era tempo de sair. E sai — temos de reconhecer — como todos os atletas deveriam desejar: em glória!

Pela ordem natural das coisas e da vida, Soeiro não tem as faculdades atléticas de há quinze, ou mesmo dez anos. Mas conserva bem vivo o fogo sagrado, a voluntariedade e a alma de combatente e o público, adepto e adversário, que conheceu o Soeiro dos bons tempos sabe que é assim.

Manuel Soeiro faz a sua festa de despedida no próximo dia 9 de dezembro. Do festival constarão provas de atletismo, do qual o atleta barcelonense foi praticante notabilíssimo, e dois prêmios de futebol: Luso-Barcelonense e Benfica-Sporting. Naquela partida veremos o clube primitivo de Soeiro, agora orientado tecnicamente por ele, dar boa réplica aos campeões nacionais da II Divisão. Na outra, os dois rivais de sempre medirão forças, prestando uma homenagem, que a todos deve sensibilizar. Veremos, nesse dia, jogar a sério, pela última vez, como noticiámos em primeira mão, Adolfo Mourão, e o homenageado que formaria a ala direita do ataque leonino.

Recolhemos para os leitores palavras do «internacional» leonino-barcelonense:

— Salo na devida altura. Compreendo-o perfeitamente. É preciso que os novos das categorias tenham acesso à principal. A insistência dos antigos em permanecer na actividade é prejudicial ao progresso de qualquer modalidade, porque etapas a entrada dos novos, que acabam por desanimar. A renovação da valorts é precisa, com certa frequência. Ora, eu jogo há quinze anos. Tenho por consequência direito à reforma...

— Leva consigo uma enorme mala de saudades e recordações...

Soeiro tem uma exclamação prolongada, como se num ápice pudesse rever toda uma carreira:

— Oh! Tudo são saudades e recordações... Sapeinho ter vivido momentos inolvidáveis, dos que quanto mais longe vão ficando, mais belos se nos afiguram. Aquela «final» Barcelonense-Sporting, em que marquei os quatro tentos do desafio e o Portugal-Espanha dos 3-3 são, para mim, as melhores expressões da carreira. Porque, depois há muita coisa a lembrar: 9 títulos de campeão de Lisboa, 4 de campeão nacional, 1 da Taça de Portugal; 15 seleções por Lis-



boa, 12 vezes «internacional», com «ouro» marcado, o primeiro ainda em representação do Luso, no jogo contra a Jugoslávia, em 3 de Maio de 1932. Grelho que fiz a minha obrigação.

Uma pergunta que ninguém fez a Soeiro:

— Recorda-se quantos tentos marcou em toda a sua vida de jogador?...

Um sorriso rasgado e uma expressão de embaraço. Fazem-se contas mentais. Vem a resposta:

— Devo ter jogado uns 400 desafios, e pelas contas em tempos feitas, mas incompletas, julgo não andar muito longe dos 450 tentos... Sim. Pode afirmar: devo ter marcado os meus 450 goals!

Bellíssima média, não há dúvida. Depois de nos dizer que deposita no Luso grandes esperanças, Manuel Soeiro, já na despedida, faz-nos um pedido:

— Por intermédio da *Vida Mundial Ilustrada*, quero, na hora da despedida, testemunhar ao público, adversários de pugnas, amigos de todo o país, aqueles que tão prontamente acederam a colaborar na minha festa e à imprensa, onde nunca encontrei uma má vontade, o meu agradecimento profundo por tantas e tão inequívocas provas de gentileza. Para todos, um abraço. Um abraço leal do ex-jogador Manuel Soeiro.

### DAQUI E DALI...

Os jogos Lisboa-Sevilha, em futebol, estão marcados para os dias 9 e 23 de Abril próximos. O que não está ainda assente, é a cidade que vera o primeiro prêmio.

Afinal, o grupo de pugilistas portugueses que devia partir para Espanha, não seguiu, à excepção de dois.

Ir ou não ir, ser ou não ser, eis uma legenda, de que no «box» se usa e abusa...

O Sporting Clube de Portugal já tem nova direcção. Apeloemos-lhe felicidades e ambiente propício para fecundo trabalho,

O mesmo pudésemos dizer ao Ginásio Clube Português... Quando principiarão a funcionar as classes da gloriosa colectividade?...

O Carnide Clube vai festejar mais um aniversário. A sua obra é digna de todo o apreço. Não vale só pelos títulos, vale fundamentalmente pelos factos!

Com o início do Campeonato Nacional de futebol, principia um novo período de sofrimento para os adeptos clubistas.

Em Espanha os castigos impostos a jogadores, árbitros, clubes — estes pagando também pela atitude do seu público — parecem exceder tudo quanto até agora se fez!...

LUCINDA & INEZ, L.<sup>DA</sup>

ALTA-COSTURA

Visitem os nossos Ateliers onde estão expostas as últimas criações de

VESTIDOS,  
CHAPEUS,  
LINGERIES  
E PELES.

Rua de D. Estefânia, 117, 1.º

# O CONSELHO DE REDACÇÃO DO "SÉCULO", CREAÇÃO DE SILVA GRAÇA

CHEGARA aqui, vindo de Paris, e num rompante de indignação e justiça, fizera um «Século» novo, pleno de mocidade generosa, dádivo, a focar todos os assuntos e faltas de assunto da vida nacional.

Uma tarde, estava eu em casa, aborrecido e triste, aí por 1920, submerso em desamprego e desespero. Apareceu-me esse gigante, de voz tronitante e papada forte, que era Nobre Martins:

— Vem até ao «Século». O Silva Graça quer falar-te. Pensa em muitas coisas novas e incumbi-me de arranjar gente... nova.

Horas depois, assistia à primeira reunião do Conselho de Redacção do «Século». Funcionava o revolucionário instituto no próprio gabinete de Silva Graça. Ele, pequeno, magro, sempre friorento, enrolado o pescoço numa grande manta de lã, comia já nesse tempo uns bôlos de arroz cozido: dieta com que contava viver aos infinitos.

— Meus senhores — explicou-nos na sua voz vibrante e cheia de colorido — venho de Paris e, a um mundo novo, há que apresentar uma imprensa nova. A democracia é uma realidade tolerante, elástica, orgânica. Já não se faz nas salas porque lateja nas ruas. É preciso encaminhar os tempos novos. Preciso de gente nova. Um «Século» novo. E vocês todos, os velhos camaradas e os novos recrutas, a trabalhar: todos os dias, à volta das quatro da tarde, nos reuniremos, e depois de se fazer a crítica do jornal da manhã, distribuem-se os assuntos para o dia imediato.

Eu olhava, espavorido, pois nunca ouvira tantas coisas em tão pouco

tempo; nem tão pouco me fôra dado ver ambiente mais estranho: telas enormes, de macabros assuntos, com esqueletos pintados e outros horrores, rodeavam Silva Graça, a mesa do Conselho, a fim de nos habituarem à idéia da morte.

Ainda durou uns meses o Conselho do «Século», e dele brotaram várias coisas que aterrorizaram os pacatos burgueses da rua dos Sapateiros.

A verdade, porém, é que a tiragem cresceu rapidamente com a variedade dos assuntos e a permanência de contacto entre o público e os redactores.

Abriu-se a campanha em prol da escola e do pão, reacendeu-se o gosto dos inventos populares, publicavam-se páginas inteiras de cartas onde o público expunha os mais variados assuntos — tal qual como nos grandes diários ingleses, iniciadores e mantenedores de tal prática.

Faltava, então, o açúcar; e os abastecimentos faziam-se com inexplicável irregularidade. Pois fez-se uma campanha universal contra as «bichas», contra a promiscuidade fétida de alojamentos, alargou-se o âmbito dos direitos de associação para fins culturais e recreativos. O Conselho de Redacção do «Século» subsistiu uns dois anos — aí entre 1920 e 1922. Mas, justiça seja feita à memória de Silva Graça, mais morreu por incúria dos redactores que por desânimo do seu promotor. Enquanto ele pôde, lutou pelo Conselho de Redacção, nessa antecipação genial, diríamos mesmo soviética se o termo, desde então, não tivesse excedido e desgastado pelo uso constante.

## CONSIGLIERI «PEDROSO» ESCRIVIA DE «MEMÓRIA» A QUATRO TIPÓGRAFOS SIMULTANEAMENTE

LADO a lado de Magalhães Lima, sempre se erguia a calva reluzente Pedroso. Com os seus bigodes e simpática de Consiglieri façanhudos, baixinho, enciclopédico, humano, catadrático, criador de uma Escola de Jornalismo freqüentada por Rafael Ferreira e outros jornalistas...

Morreu em Setembro de 1910, consideravelmente despostos. No seu último diário, *A Vanguarda*, fazia muitos artigos de fundo, em particular a Crónica Internacional. Funcionava no edifício que, posteriormente, abrigou *O Povo*, de Ricardo Covões, e o *Diário de Lisboa*, de Joaquim Manso.

A característica de muitos desses artigos era... não serem escritos. Conta-nos um velho paginador e amigo, gráfico da *Vanguarda*, que era corrente Consiglieri Pedroso chegar à tipografia e, não tendo tempo, pedir ao chefe do quadro a cedência de quatro compositores. Então, ditava-lhes simultânea-

mente, os quatro trechos em que dividira, «in mente», o artigo. E, aglomeradas as mais diversas razões e conceitos, dentro da ampla diversidade de assuntos, graças à prodigiosa memória de Consiglieri Pedroso, naquele caos que parecia perder-se e atropelar-se por entre a espessura dos bigodes nervudos, a lógica sincera, a disciplina despreziosa, a eloquência ensinadora e convincente — surgiam, dominadoramente, imponentemente.

Até aos dias de hoje, não voltámos a conhecer ninguém, capaz de repetir tal malabarismo. Ou, sequer, ensaiá-lo.



# DO PASSADO

## UM ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO: A CARTA DE MAGALHÃES LIMA AO REI D. LUIZ I

D E extrema audácia foi capitulada a carta dirigida por Magalhães Lima, ao rei D. Luiz, no primeiro número de *O Século*. Nunca, até então, alguém se atrevera a falar assim, em público, ao monarca reinante. Menos, ainda, a escrever-lhe, devido ao rigor das leis que regulamentavam o exercício da liberdade de Imprensa.



Representava galhardia, por parte do novel bacharel, essa carta-aberta, em que lhe descrevia a miséria das classes mestreas, cuja situação, no resto da Europa, já se afirmava com toda a audácia dos organismos jovens; a pobreza do nosso comércio e a mediocridade da nossa lavoura, afogada em hipóteses e ausente de crédito; e os ouropéis de um falso luxo numa improvisada aristocracia, colada de fresco ao som das fanfarras da Guarda Nacional.

As colónias de África, gemiam na eclosão perpétua das epidemias; os produtos do Brasil não tinham venda, e as próprias borrachas amazônicas não tinham venda. A navegação transoceânica resumia-se a um ou outro irregular barco da Mala Real Portuguesa. Lisboa, na foz do Tejo, com Belém, mal continha, nos seus cais de terra batida de fresco, a assolação lívida das enchentes outonais e primaveris do Tejo. A Espanha fervilhava em republicanismo, e os seus arautos prégavam a boa-nova do regime ansiado e que, em breve, se proclamariam — Portugal, imerso em quietudes de marasmo vizinho da gléida fétida da morte, desesperava de si e de todos.

A carta-protesto, veemente mas correcta, estava assinada. O autor oferecia-se à tolerância sorridente e bonacheirona das justças de El-Rei. Este, sábio e céptico, sorriu-se. Saldanha protestava, e o duque de Ávila e Bolama ergueria o seu constitucional reparo ao consentimento de tais liberdades. Mas a verdade é todos eles, na época recente do cabralismo, haverem feito pior e, ainda então, se permitirem excessos mal-contidos de azedume e descortezia contra o trono.

D. Luz ajeitou a capa à espanhola — tudo era espanhol, nessa época, até as amantes — e mandara bater para as Laranjeiras, onde ia ver Rosa Damasceno representar um cto do «Hamlet», por ele próprio, o rei, recém-traduzido. Bateu uma forte chicotada nos cavalos ingleses da cabeça, e dos montes que cortavam da Tapada da Ajuda a Palhavã, deslumbrou-o uma vez mais a Lisboa oriental — com luz, laranjas, o ouro relufente de tódas as prosperidades e as mósas nauseabundas de todos os talhos de carnes verdes.

A popularidade do *Século* era um facto, porém, e através de tódas as vicissitudes arrega-la-ia a vontade forte de Silva Graça, continuador de Magalhães Lima: alicerce, a carta a El-Rei. Coisa atrevida de fazer; mas suicida de consentir.

## TITO MARTINS

### DECANO DO JORNALISMO PORTUGUÊS — VAI FAZER...

JUSTA a crer, mas éle próprio nos disse, ainda há poucos dias, refulgente de barbas, paternal bigode, e caricioso olhar, nos seus setenta e sete anos sãdios, apenas incomodados por um joanete:

— Dentro em pouco, vou fazer sessenta e cinco anos de jornalismo profissional e quarenta de *Século*. Ainda hoje trabalho como se fosse um rapaz.

E abalou, ágil, desempenado, a desafiar os tempos inclementes, sobranceando, qual jovem desportivo de hoje, uma económica e democrática «lancheira».

Há quem lhe chame D. Afonso Henriques; outros, mais amigos e camaradas, pretendem, porém, que éle aspira ao título de Neptuno da Avenida da Liberdade. É padraсто, amigo e confidente bem disposto, do Doutor Dias da Costa. Mas, se lhe aceita os conselhos, não ingere os recetários. É sua secretária a esposa do Doutor Rubem de Carvalho — a outra alma vivificadora da Colónia Infantil. E tão pouco vai ao Pósto Médico.

— Cem anos? É pouco. Hei-de chegar aos 120, talvez aos 150. A minha

higiene, o trabalho; a minha distração, o jornal; a minha dedicação — o *Século*.

O jovem e illustre «João Verdades» há-de cumprir a sua vontade. A dois anos de vista, aqui lhe deixamos os nossos bons votos — Dom Tito Martins será, sempre, único, camarada, chefe e inextinguível de Liberdade.

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA



# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XXIII - a campanha da Rússia

### O ACORDO COM TURQUIA

NO dia 6 de Maio de 1941, a emissora de Moscovo deu uma notícia sensacional sob todos os pontos de vista, a qual, por toda a parte, foi interpretada como o anúncio de acontecimentos próximos. Segundo essa notícia, o secretário geral do partido, Estaline, que até ali ocupara oficialmente apenas aquelas funções, assumia a presidência do conselho dos comissários do povo, o que traduzido em linguagem dos países ocidentais significava a chefia do governo que era desempenhada pelo comissário do povo para os Negócios Estrangeiros, Viacheslav Molotov.

Não se tratava, como acentuaram unanimemente os comentadores dos assuntos de política internacional, dum episódio de mera significação interna. Sob o ponto de vista da direcção dos negócios do Estado na U. R. S. S., tratava-se duma concentração de poderes que nunca fôra julgada necessária em tempo de paz, e tratava-se, sobretudo, de reforçar os laços existentes entre o partido e o poder, em vista a acontecimentos certamente de importância capital.

Por outro lado, as informações que davam conta do aumento crescente de concentrações militares alemãs ao longo da fronteira soviética eram recebidas em Moscovo com uma ansiedade cada vez maior e eram, nas outras capitais, seguidas com um interesse compreensível. A vitória alemã nos Balcans, alcançada com uma espantosa facilidade, dera à Wehrmacht o domínio de toda a extensa zona europeia que se estende entre a planície do Danúbio e o litoral do mar Egeu. Essa zona é, tradicionalmente, uma zona de guerra, e os sucessivos regimes e governos que, no decurso da história, se sucederam em Moscovo sempre a consideraram como de importância vital para o desenvolvimento da política externa da Rússia.

Nessa zona, a posição da Turquia devia considerar-se predominante, e por isso os movimentos diplomáticos registados em Ankara começaram a ser seguidos como um barómetro da evolução dos acontecimentos a leste.

### O EPISÓDIO HESS

Entre os dias 6 e 10 de Maio não faltou ainda quem considerasse que a acumulação de poderosos contingentes da Wehrmacht na Polónia, na Prússia Oriental e na Roménia se destinava a exercer pressão sobre o governo soviético nas vésperas da assinatura dum novo acordo comercial que fôra anunciado, simultaneamente, em Berlim e em Moscovo.

No dia 10 de Maio, porém, um novo acontecimento se produziu cujo carácter

sensacional aparecia estreitamente relacionado com a evolução dos acontecimentos a leste. Num campo da Escócia desceira, inesperadamente, em páraquedas, dum avião que o tinha transportado desde Augsburg, o lugar-tenente do Führer, Rodolfo Hess. Esta figura categorizada da política alemã procurava chegar à fala com o duque de Hamilton, invocando para isso a existência de estreitas relações de amizade, desde que ambos se haviam encontrado na capital do Reich por ocasião dos Jogos Olímpicos.

Rodolfo Hess, antes mesmo de ter conseguido falar com o duque de Hamilton, foi preso e conduzido para um hospital por ter fracturado uma perna quando efectuou a sua arriscada descida. Durante o interrogatório a que foi submetido, e ao qual assistiu um perito do «Foreign Office» enviado especialmente para registar as suas declarações, o lugar-tenente do Führer afirmou que era portador de propostas de paz com a Grã-Bretanha, e que essas propostas assentavam na possibilidade duma aliança entre os dois países para a luta comum contra o comunismo e a União Soviética.

A natureza da missão de Rodolfo Hess foi recentemente objecto da publicação dum pequeno «Livro Branco» em Londres, distribuído nas vésperas da partida do sr. Eden para a capital soviética a fim de assistir à conferência que ali se realizou há pouco. Mas sobre essa missão tornou-se, desde logo, evidente que ela se encontrava estreitamente relacionada com o ataque iminente das tropas alemãs ao território soviético.

### UMA SÉRIE DE ACTOS ANTI-BRITANICOS

Para quem não estivesse, porém, no segredo do que se passava, e embora a missão de Rodolfo Hess fosse um acto que não podia deixar dúvidas quanto à natureza dos acontecimentos que se preparavam, a realização sucessiva duma série de actos anti-britânicos por parte do governo de Moscovo era de molde a criar uma certa perturbação.

Os soviets tomaram, por essa altura, a iniciativa de reconhecer o governo iraquiano da presidência de Rachid Ali, cujas afinidades com os países do Eixo eram conhecidas, e isto no momento preciso em que os ingleses se preparavam para fazer a guerra no Irak a fim de desalojarem aquêle político do poder. Tratava-se dum gesto para dar garantias aos dirigentes alemães, ou era duma simples manobra de camuflagem que se tratava, enquanto os russos, por sua vez, começavam a intensificar também os seus preparativos militares ao longo da fronteira?

No dia 9 de Maio, isto é, nas vésperas da descida de Rodolfo Hess em território britânico, o governo soviético publicou uma declaração anunciando que não podia continuar a reconhecer os governos da Bélgica, da Noruega e da Yugo-Eslávia, que tinham estabelecido a sua sede em Londres como governos legais daqueles países. Os seus representantes na capital soviética deviam abandonar Moscovo, o mais rapidamente possível, em consequência desta decisão.

Ao mesmo tempo a Rússia denunciava o tratado de amizade que assinara, pouco tempo antes, com a Yugo-Eslávia quando este país estava para entrar na guerra contra o Reich. A assinatura desse pacto fôra geralmente considerada como uma atitude claramente anti-alemã por parte dos soviets e produzira em Berlim uma impressão desagradável. A sua denúncia surgia precisamente quando, segundo todas as indicações, as relações germano-soviéticas entravam numa fase crítica.

### UMA ATITUDE DA GRÃ-BRETANHA

Compreende-se facilmente que esta série de movimentos diplomáticos tivesse causado o maior espanto entre a opinião pública britânica e ameri-

A assinatura da capitulação do exército grego. Sentado, à esquerda, o general Tsolakoglou, que, em seguida, formou o novo governo, sob a ocupação alemã. Ao centro, o chefe nazí Sepp Dietrich, plenipotenciário alemão.





Um aspecto da rendição do exército jugoslavo. Entrega de armas, tragédia dos vencidos...



Rachid Ali, chefe da revolta do Irak e presidente do governo reconhecido pelos soviéticos.



Rudolfo Hess

cana, onde as reacções soviéticas eram sempre seguidas com a maior atenção. E que o mesmo espanto se registasse nos meios dirigentes de Londres e de Washington, até o momento em que Rodolfo Hess desceu em território britânico.

Sobretudo naquelas duas capitais consideravam desconcertante a atitude soviética em relação à Yugo-Eslávia. Cinco semanas apenas tinham decorrido sobre a assinatura do pacto de amizade russo-yugo-eslavo, o qual se celebrara sob o signo da identidade de raça e da fraternidade eslava. O embaixador escolhido pelo general Simovich para o representar em Moscovo era conhecido pelas suas tendências pró-soviéticas, e dispusera sempre naquela capital de uma influência geralmente reconhecida. O convite que lhe foi feito para abandonar a Rússia produziu mais do que qualquer outro facto, uma confusão enorme nos meios anglo-saxónicos, tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos.

Entretanto, a Inglaterra reservou uma inteira liberdade de movimentos em relação ao futuro, repetindo a atitude que tomara quando da guerra da Finlândia, em que, apesar da decisão clara dum parte da população cujas simpatias pela causa finlandesa eram evidentes, o governo britânico se recusou invariavelmente a romper as relações diplomáticas com os soviéticos. No caso dos actos manifestamente anti-britânicos que se registaram durante os primeiros dias de Maio, verificou-se um fenómeno idêntico. Apesar da pressão dum sector bastante numeroso da sua opinião pública, o governo de Londres nada fez que pudesse ser interpretado como um acto de hostilidade em relação aos soviéticos. Limitou-se a chamar a Londres, para consultas, o seu embaixador em Moscovo, Sir Stafford Cripps.

## O BARÓMETRO TURCO

Mas o que não deixou que subsistisse em nenhum espírito atento a mais

pequena dúvida sobre a iminência dum guerra germano-russa, foi a evolução rápida da política turca. Ankara era o barómetro da situação europeia e a extraordinária actividade diplomática que, durante algumas semanas, ali se registou, constituía um sinal inequívoco da importância da carta turca no desenvolvimento ulterior da situação europeia.

A posição da Turquia não era naturalmente fácil, nem sob o ponto de vista político nem sob o ponto de vista estratégico. A Turquia assinara, em seguida à eclosão do conflito, em Outubro de 1939, um tratado de assistência mútua com a França e a Grã-Bretanha que fazia dela um aliado precioso destes dois países na área extensa dos Balcãs, do Próximo Oriente e do Mediterrâneo Oriental.

Era o momento em que os aliados franco-britânicos tinham concentrado na Síria um poderoso exército de algumas centenas de milhar de homens, sob o comando do general Weygand. Tudo indicava que, no momento oportuno, a Turquia não deixaria de entrar na guerra ao lado das potências orientais e que o exército da Síria funcionaria como o exército de Salónica na conflagração de 1914-18, obrigando o Reich a bater-se em duas frentes.

A rapidez com que na Primavera de 1940 o exército francês foi derrotado e as conseqüências militares que resultaram dessa derrota vieram transformar completamente estes cálculos. O exército franco-britânico da Síria foi dissolvido, e a Itália entrou na guerra. A Grã-Bretanha, porém, foi compelida a fazer a guerra em duas frentes: uma frente continental, contra a ameaça crescente de invasão pelo Canal da Mancha, e a frente mediterrânica, criada em conseqüência da intervenção italiana e do envio do corpo expedicionário do marechal Graziani para a Líbia, o que constituía uma ameaça directa contra o Egipto.

## AS RELAÇÕES RUSSO-TURCAS

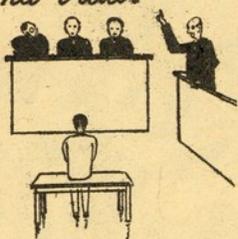
A derrota fulminante da França e a fraqueza notória da Grã-Bretanha levaram a Turquia a modificar o seu jôgo diplomático. Enviando para Ankara o embaixador von Papan, o Reich significava claramente a importância que atribuía ao piaô turco no xadrez dos Balcãs e do Mediterrâneo. Ao governo turco restava apenas a alternativa de estabelecer em bases diferentes as suas relações com o Reich, procurando que os alemães esquecessem a sua aliança inicial com os franco-britânicos, ou encontrar um ponto de apoio novo para a sua actividade diplomática.

Esse ponto de apoio não podia deixar de ser a Rússia Soviética, país com o qual a Turquia de Kemal Pachá sempre mantivera as mais estreitas relações. Nesse sentido se encaminharam os esforços da diplomacia turca sem que os resultados conseguidos correspondessem ao seu empenho. Já quando da assinatura do pacto anglo-franco-turco de Outubro de 1939, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Turquia, Sarad Joglu, visitara Moscovo a fim de explicar a atitude do seu país e conseguir para ela a aprovação soviética. O homem de Estado turco não conseguiu, nessa altura, ser recebido e a recusa soviética foi interpretada como uma afirmação de fidelidade ao pacto de amizade germano-russo assinado em Agôsto.

Mas, depois disso, todas as tentativas turcas para estabelecer em bases seguras as relações com os soviéticos se malograram. A Rússia recusou-se a dar à Turquia as garantias que este país pedia para a eventualidade de entrar num conflito com o Reich, eventualidade que crescia à medida que a Wehrmacht se aproximava da fronteira turca com a entrada da Bulgária na sua órbita diplomática e militar. A reserva sistemática dos soviéticos correspondia a ansiedade crescente dos turcos que encaravam a possibilidade, e mesmo a iminência, dum

(Continua na pág. 20)

*uma mancha na vida.*



Antes a tivesse no fato. Um pacote do CASULO LIMPA FATOS e estava o caso arrumado!

Tira o lustro, as nódoas e o mau cheiro.

Desinfecta e limpa, ficando como novos os fatos velhos, dando-lhes novo apresto.

É como se viessem novinhos do alfaiate, e ficam com maior duração.

Fabricado com 6 produtos químicos diferentes, inofensivos para as pessoas e tecidos. Cada pacote custa só Esc. 2\$00 e dá para 1 litro de soluto.

EM TODAS AS DROGARIAS DO PAÍS

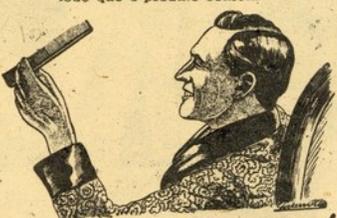
Revenda: R. DA MA-DALENA, 128, 2.º

LISBOA



**PETROLEO CLIPER'S COM IODO**

O cabelo deixa de cair e outro novo nasce abundantemente, graças ao todo que o produto contém



*Nem um só cabelo!*

CLIPER'S

FRASCO 20 ESCUDOS

Depósitos aos distribuidores

LOURENÇO FERREIRA DIAS, R. Flores, PORTO — COSTA, PINTO & SANTOS, R. S. NICOLAU, 56, LISBOA



**O ESPELHO DO CONTINENTE**

NA SUA NOVA FASE

**36 PAGINAS**

GRAVURAS A CÔRES  
ALGUMAS DE PÁGINA INTEIRA

INTERESSANTE E  
SENSACIONAL COLABORAÇÃO

**Uma surpresa para os leitores!  
2 escudos o exemplar**

**À VENDA O N.º 19**

## História da Guerra

(Continuação da pág. 19)

conflito armado, sobretudo desde que se haviam iniciado as campanhas da Síria e do Irak, conflito em que teriam de se bater sózinhos contra um inimigo poderoso cujo valor se afirmava decisivamente à medida que o tempo passava.

### O DESCONCERTANTE MÊS DE MAIO

Em Ankara os episódios registados durante os primeiros dias de Maio não tinham produzido menor surpresa. Esse sentimento de surpresa aparecia na capital turca misturado com um sentimento de desânimo, ao verificar-se a facilidade com que as tropas do seu aliado britânico tinham sido eliminadas da península balcânica e do território da Grécia.

A queda de Creta e a ocupação, pelos alemães, de Samos e da Samotracia vinham completar um cenário que podia deixar fazer correr à Tur-



quia os mais sérios riscos. Com os alemães na Bulgária e nas ilhas do Egeu, com as suas fronteiras no Próximo Oriente ameaçadas por tentativas insurreccionais manifestamente favoráveis às potências do Eixo e com o enigma soviético debruçado, como uma ameaça, na fronteira comum aos dois países, pode dizer-se que a situação da Turquia era verdadeiramente angustiada naquela altura.

A diplomacia turca teve de desenvolver então prodígios de habilidade e de subtilidade para acautelarem a neutralidade em que tinha transformado a sua não beligerância inicial. As versões mais correntes em Ankara davam como iminente uma decisão da Rússia, permitindo a passagem de tropas alemãs através do território soviético a fim de auxiliarem os movimentos que se tinham registado no Irak e no Irã, a favor do Reich. A atitude anti-britânica da Rússia e o reconhecimento do governo de Ríchid Ali constituíam uma prova de que não tardaria que o pacto de amizade germano-russo se transformasse num pacto de assistência mútua para a partilha do Próximo Oriente entre os dois países, levando os exércitos germano-russos até aos limites da Índia,



enquanto os italianos penetrariam no Egipto, assenhoreando-se do vale do Nilo e da passagem vital do Suez.

### A ASSINATURA DO ACORDO

Sem equipamento pesado para as suas tropas, sem aviação moderna, cercada de todos os lados, a Turquia procurava orientar-se política e militarmente. Sob o ponto de vista político interrogava a Rússia, que lhe não respondia. Sob o ponto de vista militar interrogava o seu aliado britânico, que não estava em condições de lhe dar as garantias exigidas pela sua necessidade de segurança. Os seus peritos militares constatavam que os ingleses conduziam no Próximo Oriente uma campanha morosa e por métodos antiquados, que fazia um contraste desolador com a rapidez da blitz dos Balcans. Mas era, sobretudo, o espectáculo que oferecia o domínio incontestado do ar, detido em toda a parte pela Luftwaffe, que impressionava os técnicos turcos.

Nos primeiros dias de Junho come-



*Confie no*

**VINHO DO PORTO**

COM O

SELO DE GARANTIA

DO INSTITUTO DO VINHO DO PORTO

çou a circular a notícia de que as conversações entre o ministro dos Estrangeiros, Sarad Jöglu, e o embaixador do Reich, von Papen, deviam considerar-se praticamente terminadas e que, dentro de pouco, seria anunciada a celebração dum pacto de amizade entre os dois países. A notícia foi confirmada oficialmente no dia 11 de Junho e a assinatura fez-se uma semana depois em Ankara. A Turquia dera uma contra-partida ao seu tratado com a Grã-Bretanha, que este para reconhecer como ditada pela natureza das circunstâncias militares imperativas. Mas não era no domínio das relações anglo-turcas que a assinatura do pacto se revestia dum significado transcendente. Era no domínio das relações russo-turcas. Esse pacto simulava a abertura iminente de hostilidades entre o Reich e a Turquia. A Vermacht tinha agora o seu flanco sul e sueste perfeitamente acautelado. Era essa uma das condições a satisfazer antes que as grandes concentrações de tropas alemãs, verificadas na fronteira soviética, pudessem pôr-se em movimento e realizar a invasão da Rússia com as necessárias garantias de êxito.

(Continua)

# NOTAS DE GUERRA



O nacional-sindicalismo comemorou o dia 9 de Novembro — primeiro grito político do partido abortado em Munique. Hitler fez dessa derrota histórica uma legenda que mais uma vez, este ano, foi recordada com um discurso do Führer. Vêmo-lo aqui na manifestação deste mês, em Munique, quando falava aos homens do seu partido.



Mac Arthur, senhor todo poderoso das operações aliadas no Sueste do Pacífico, assiste à inspeção de novos soldados paraquedistas que foram submetidos a intensos treinos e que se preparam para atacar a base japonesa de Salamauá, na Nova Guiné.



Garzanise, uma pequena cidade italiana, foi agora teatro de operações. Após duros combates, os alemães evacuaram a cidade e a infantaria inglesa avançou. Como de costume, porém, os escombros e as ruínas são o trágico decorado deste palco abandonado por uns e ocupado por outros.

# FIGURA DA VIDA MUNDIAL



GENERAL STILLWELL — Militar da outra guerra, foi enviado para a Europa com a expedição norte-americana que combateu a Alemanha. Depois, regressou à América, foi professor de línguas em West-Point e enviaram-no mais tarde para as Filipinas como governador. O seu conhecimento do Extremo Oriente — Sillwell foi adido militar em Pekim — o seu conhecimento do idioma chinês e, ainda, a amizade que o ligava à terra de Yat-Sen, fizeram que nele recaísse a escolha, quando Chang-Kai-Chek precisou de um instrutor forte, inteligente e decidido para os seus exércitos. Metade da sua vida fora passada na China, onde se fez operário, para melhor conhecer a índole e necessidades do povo. Hoje, Sillwell é chefe do Estado Maior de Chang-Kai-Chek e comandante supremo dos exércitos americanos na China, Birmânia e Índia. Quando falou aos jornalistas, depois da sua escolha para tão alto cargo, Stillwell anunciou: — «Só tenho uma aspiração: que tropas sino-americanas entrem em breve em Tóquio...»

(Caricatura de SANTANA)

# DISCOFONES

COM  
MUDANÇA  
AUTOMÁTICA  
DE  
DISCOS



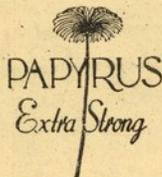
EM CAIXAS DE MADEIRA DE  
BELO ACABAMENTO, PERMI-  
TINDO A AUDIÇÃO DE 8  
DISCOS GRANDES E  
PEQUENOS, SEM QUAL-  
QUER INTERRUPTÃO

O APARELHO IDEAL PARA OS AMADORES DE BOM MÚSICA

*Est. Valentim de Carvalho*  
R. Nova do Almada, 97

# PAPYRUS

PAPYRUS — O melhor papel para escrever  
PAPYRUS — O melhor papel para imprimir  
PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito  
PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.  
PAPYRUS — Os melhores livros comerciais  
PAPYRUS — Os melhores sobrescritos  
PAPYRUS — O melhor papel para cartas



À venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:

**Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)**

Rua dos Correios, 70  
LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

# ESTORIL COSTA DO SOL



## A MAIS ELEGANTE PRAIA DO PAÍS

ESTORIL PALÁCIO HOTEL — Luxuoso e confortável — Magnífica situação  
HOTEL DO PARQUE — Elegante e moderno  
HOTEL DE ITÁLIA — Preços moderados  
ESTORIL — TERMAS — Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico. Ginástica — Cultura Física — Sala de Armas. PISCINA de água tépida.  
TAMARIZ — Magníficas esplanadas sobre o mar  
CASINO — Restaurante — Bars — Aberto todo o ano  
Concertos — Cinema — «Dancing»  
Restaurante — Bars  
Jogos autorizados pelo Governo  
Roleta — Banca Francesa — Bacará  
«STANDS» DE TIRO — ESCOLA DE EQUITACÃO  
PARQUE INFANTIL

### INFORMAÇÕES:

*Sociedade Propaganda da Costa do Sol*  
ESTORIL — PORTUGAL



## EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas		
7,45	WKTS	49,0	WRUL	38,4	WKLJ	39,7	WBOS	48,9
8,45	WKTS	49,0			WKLJ	39,7	WBOS	48,9
9,45					WKLJ	30,8	WBOS	25,3
12,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	25,6	WGEO	19,6
13,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	16,9	WRUL	19,5
17,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8				
18,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEO	25,3		
19,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEO	31,5	WKLJ	30,8
20,45 a 21,15	WRUA	39,6	WRUS	31,4	(meia hora programa especial)			
21,45	WRUA	39,6	WRUS	31,4	WKLJ	30,8		
22,45					WKLJ	30,8		
23,45					WKLJ	30,8		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18,45 às 19 horas na frequência de 48,43 m., 41,96 m., 31,41 m. e 25,09 m.

### EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da  
AMÉRICA em MARCHA**

**PASTA MEDICINAL**  
*Couto*  
**CURA** *estomatites*  
**TRATA** *as doenças da boca*

# PASSATEMPO

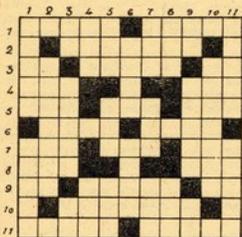
DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

## PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 3

DIAGRAMA



ENUNCIADO

**HORIZONTAIS:** 1 Fazer estar em silêncio; país europeu. 2—Expulsa. 3—Transite; perfume; negação. 4—Gosta; igual. 5—Preposição indicativa de falta; divindade mitológica, que representava a natureza personificada; árvore venenosa da Malásia. 6—Singular; queimo. 7—Chegar; pau-fe-o; fileira. 8—Repercussão; catedrais. 9—Pronome; planta aroides; nota musical. 10—Que têm abundância de ramos. 11—Terceiro estômago das aves; utensílio para lavar a terra.

**VERTICAIS:** 1—Adegas ou frasqueiras subterrâneas; vigiam. 2—Uma das partes do Mundo. 3—Compreende; amargo; nota musical. 4—Iça; pronome. 5—Gracejar; progenitor; deseja. 6—Rio que corre na Bélgica, mas que é francês na origem e holandês na foz; rio que nasce na serra de Albaracem (montes Ibéricos), na Espanha, e banha Abrantes, Santarém e Lisboa. 7—Afirmção; grande embarcação; apêndice membranosos de alguns insetos e peixes. 8—Ligue; pátria. 9—Progrédia; calças; apelido. 10—Grande pórtico de Itália, de escala e de turismo. 11—Avarento; abrigo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 2

**HORIZONTAIS:** 1—Portugal. 2—Galo; areb. 3—Ut; alas; ir. 4—Aos; al; bad. 5—Arara. 6—Reinel. 7—Ama; só; oil; 8—Na; vasa; rá. 9—Anul; leis. 10—Arredara.

**VERTICAIS:** 1—Guadiana. 2—Pato; mana. 3—Ol; sara; ur. 4—Roa; re; vir. 5—Tamsa. 6—Alanos. 7—Gás; re; ala. 8—Ar; balo; er. 9—Leia; iria. 10—Bruxelas.

## DAMAS

ESPAÑA

1943

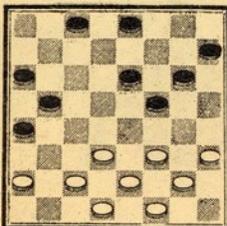
1.º CAMPEONATO REGIONAL CANARIO

DE «DAMAS»

9.ª partida disputada entre Carlos Machin e Mermerto Rodriguez.

Branças (C. Machin)	Lances	Pretas (M. Rodriguez)
10-14	1.º	22-18
12-15	2.º	23-20
5-10	3.º	27-22
7-12	4.º	20-16
4-7	5.º	28-23
15-19	6.º	22-15
12-28	7.º	32-23
1-5	8.º	23-30
14-19	9.º	26-22
19-26	10.º	29-22

Posição do jogo depois do 10.º lance das pretas



11-15      11.º      20-4

(As brancas no executarem 11-15 só viram uma jogada de efeito e não o resultado da mesma que tão resastroso foi)

Assim:		
6-11	12.º	4-14
10-26	13.º	21-17
8-12	14.º	16-7
3-12	15.º	30-21
12-15	16.º	18-14
15-19	17.º	14-11
5-10	18.º	31-27

As brancas abandonam.

## CAMPEONATO DE «DAMAS»

Por amável condescendência da Ex.ª Gerência do Café Palladium começou a disputar-se no Pórtico, no passado dia 10, numa das salas reservadas daquele luxuoso quanto acreditado estabelecimento, o campeonato regional de «Damas», em que serão atribuídos prémios valiosos aos vencedores.

Inscreveram-se os melhores elementos da especialidade, cuja competição está decorrendo com o maior interesse.

unamente publicaremos os resultados deste torneio e, possivelmente, alguns dos seus melhores jogos.

O júri para este campeonato ficou assim constituído:

Dr. António Tavares, (Médico).  
Abel José Bettencourt, (Funcionário público).  
Evaristo António Borges, (Capitão da Guarda Fiscal).

Solução do Final n.º 1

7-11	26-15	21-25	25-29	24-28
30-20 (a)	20-30;	30-21;	21-7 (b)	31-24
15-20				
24-15				
	29-3, g.			

a) — Se as P. jogarem 30-23 e mantiverem a posse da grande diagonal, ganham as B, com um dos finais do domínio público.

(b) — Se as P. jogarem 21-4, as B. 29-25 e g.

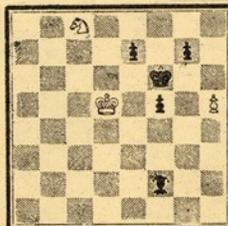
N. R. — Esta maneira interessante de dar as soluções é da autoria do mestre Henrique Guilherme Pereira da Cunha, do Pórtico. Como a achamos original e prática também resolvemos adoptá-la.

## XADREZ

FINAL N.º 2

Por V. do Barblert

Pretas



Branças

Jogam as brancas e empatam

Solução do Final n.º 1

(Por: W. y M. Platoff)

1. T 8 R, P 6 D (C 6 A parece decisiva); 2. R 4 R!, P 8 R=D ou T+; 3. R 5 A! T ou D X T. empatam.

## CHARADAS

PROTÉTICAS

1—O claro fulgurante da Verdade sempre sempre transparece. — 1, 2

M.ª Lérias (Lisboa)

2—Procura viver com pacatez. — 2, 3.

Augustelo (Lisboa)

3—Para mentiroso, mentiroso e melo. — 1, 2.

Fósquina (Lisboa)

PASSATEMPOS

Preencha os espaços em branco com nomes de terras portuguesas, completando o sentido desta carta.

CARTA GEOGRÁFICA

«Na ..... de conseguir prontos e descansar em bom ..... de salvamento, marquei uma entrevista no ..... de duas ruas, e pondo-me em ..... porque sou de ..... arranjar, afinal, a maneira de ..... rumo novo na minha vida.

ENIGMA TIPOGRÁFICO

Nota Musical

Diário Popular

SOLUÇÕES DO N.º 131

- 1—Criação.
- 2—Parada.
- 3—Ladrado.
- 4—Nadar.
- 5—Mudável.
- 6—Negociação.

## VENTURA ARRELIAR-SE

POR ZÉCO



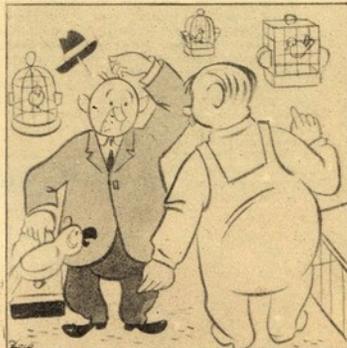
—Oh! senhor Ventura, leve este papagaio que vai bem servidinho!...



—Mas este diabo nunca mais se cala!...



—Abre!... É de perder a cabeça!...



—O meu amigo, eu não posso ter este papagaio lá em casa!... Está sempre a falar, sempre a falar!...

—Desculpe, mas eu esqueci-me de lhe dizer que o primeiro dono era deputado!...

# O MISTÉRIO DAS MEIAS DE SEDA

Novela de JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR + Desenho de RUDY

**F**ERNANDO Mira ia a meio da Rua Almeida e Souza, quando o relógio da Estrela bateu a uma hora da madrugada. Logo aos primeiros dias da guerra, os serenos no seu escritório da Rua do Ouro obrigavam-no àquêle percurso de horas tardias. Mas nunca lhe sucedera, como nessa noite que, ao virar para a R. Azedo Gueco, onde morava, se le cepearou, cado no passeio, o vulto inanimado duma rapariga. Mira debruçou-se sobre ela e, à luz dum dos poucos condeiros então acesos, pôde ver que estava viva. Notou também que a rapariga se encontrava descalça a despeito da elegância do traje. Aliás, um dos sapatos caíra-lhe próximo ao passo que o outro estava a pouco mais de dois metros, na valêta. Pela rua, não se distinguia viva alma que pudesse ajudar o aturdido guarda-livros em transe tão inédito da sua vida. Mas, como era rapaz de decisão, bateu as palmas. Do outro lado da rua, logo lhe respondeu um «lá vai!» mal humorado e, poucos minutos depois, a rapariga abriu os olhos numa farmácia de serviço ali próxima. Sobre ela curvavam-se os rostos desconhecidos de Mira, do guarda-nocturno, do farmacêutico e dum polícia que, entretanto aparecera.

— Então, que foi isso? — perguntou-lhe o representante da autoridade que, no fundo, sabia só o que Mira lhe contara.

A pequena, com voz fraca, reflectindo espanto e susto, explicou que era arrumadora num cinema próximo e que se dirigia para casa, quando dois homens, que passaram junto dela, de repente, por detrás, lhe deitaram um lenço à boca, com um líquido acre que a sufocou. Não se lembrava de mais nada.

— Um roubo... — comentou o polícia: — Que lhe levaram?

Junto da cadeira em que a rapariga se sentara, estava a mala que o guarda-nocturno apanhara do chão. A pequena abriu-a e verificou que nada lhe faltava...

— Não me roubaram nada! Tinha aqui trinta escudos. Cá estão... Nos brincoos e no anel, não tocaram...

— Mas, de repente exclamou:

— Mas que é das minhas meias?

Houve pasmo! Todos se lembravam de que ela mostrava as pernas nuas quando a acharam caída!

No dia seguinte no Torel, os agentes, com a colaboração de Fernando Mira que, pelos vistos, tinha bossa detectivesca, interrogaram a rapariga. Era preciso saber por que razão dois melancos em plena rua clorofর্মizavam uma mulher, sob o pretexto aparente de lhe roubar um par de meias de vinte escudos. Souberam assim que, dias antes, a pequena as fora buscar a casa duma senhora que apanhava malhas. Tinha-lhas confiado para conserto mas nada de anormal se dera então. O mistério subsistia entretanto, à roda dumas meias... Mira, um agente e a pequena — Maria da Graça de nome, que por sinal o palminho de cara justificava — foram dali a casa da senhora que apanhava malhas. Da conversa, resultou alargamento de dados. As meias, entregues a Maria da Graça, tinham sido inadvertidamente trocadas com as de outra cliente que lá deixara, também para conserto, outras muito parecidas.

Três dias antes, D. Genoveva, apanhadora de malhas, recebera a visita de Lúcia Lopes, que era criada dum hotel da Baixa. Como de costume, levava-lhe para conserto alguns pares de meias das hóspedes e, no dia seguinte, fora buscá-los já consertados. D. Genoveva contou, então, muito aborrecida, não saber que uma aprendiz trocara um desses pares por outro igual ao de Maria da Graça. O engano, aliás, era desculpável, pois a própria Maria da Graça não percebera que as meias não eram as suas. O mesmo, porém, não sucedeu com a hóspede do hotel. Mal deu pelo engano, passou uma repreensão à criada, porque o par trocado, embora rôto, não precisava de ser consertado. Viera então a Lúcia Lopes muito aflita pedir as meias da senhora, mas D. Genoveva, o mais que pudera fazer fora indicar o cinema onde Maria da Graça trabalhava.

Quere dizer, as coisas em lugar de se esclarecer, complicavam-se. Era preciso, portanto, ir falar com a criada do hotel. Mas Lúcia soube apenas dizer que a hóspede — senhora

estrangeira a quem chamavam Miss Dely — quando ela se ofereceu para ir procurar a rapariga ao cinema e destrocar as meias, a senhora respondeu que ela mesma trataria do assunto, pois nesse mesmo dia tinha que partir.

Isto passára-se às seis da tarde. A uma da noite, Maria da Graça era assaltada e desposada das meias que, afinal, não eram as suas!

Fernando Mira sugeriu a ida imediata ao hotel. Mas, a partir desse momento a presença da rapariga era desnecessária. Despediram-se, portanto, dela e, pouco depois, o polícia e o escritório sabiam que a hóspede estrangeira, na véspera, mandara as malas para a estação do Rossio e liquidara os seus débitos. No registo do hotel, dera o nome de Dely Resenle e dissera ser de nacionalidade polaca, o que aliás era confirmado pelo respectivo passaporte. Mesmo ali, o agente telefonou para a legação daquele país donde lhe responderam que esse nome era desconhecido nos registos de polacos entrados em Portugal.

Por sugestão de Mira, o agente mandou telegrafar para todos os postos de fronteira, para detem uma estrangeira com esse passaporte. Os dois homens estavam, de facto, interessados e Fernando mostrava verdadeira vocação de detective. A sua ajuda fora em tudo inteligente e desinteressada e o agente convidou-o a ir jantar com êle próximo do Trel. Talvez não tardassem notícias de resposta aos telegramas.

De facto, na altura da sobremesa vieram chamar o agente a Vilar Formoso.

Queriam falar-lhe de Vilar Formoso.

Uma voz longínqua referiu que um automóvel aparecera com vários indivíduos, entre os quais a senhora assinalada. O telegrama chegou quando já as bagagens estavam em exame na Alfândega e o visto oficial carimbado nos passaportes. Por isso, mandaram-na chamar de novo ao pósto, mas parece que ela percebeu que algo de novo se passava, por imediatamente o carro se pôs em fuga, passando-se para o país vizinho e abandonando a bagagem.

— Que me mandem já essas malas para Lisboa — gritou o agente Ambrósio Peres.

Dois dias depois, três malas estavam a ser remexidas pela polícia, na presença de Mira. Documentos de importância não havia nenhum. Objectos invulgares, não pouco. Apenas roupa, acessórios de toilettes, e pouco mais. Porém, já estavam as meias que D. Genoveva e Maria da Graça identificaram como motivo daquele inesperado romance policial. Resolveram dar o assunto por arrumado e restituí-las à legítima proprietária. Contudo, Fernando Mira, ainda mais do que a polícia, que tinha outros assuntos a preoccupa-la, não percebia por que razão aquelas meias de escasso valor haviam dado origem a acontecimentos tão estranhos. Por isso recomendou a Maria da Graça:

— Se notar alguma coisa de anormal, telefone-me para o escritório.

Nessa mesma tarde, a arrumadora, no extremo do fio, informava-o de que, ao chegar a casa, lavara as meias e notara que deitavam uma tinta esquisita.

Fernando Mira não era pessoa que perdesse tempo. Antes que fechasse o laboratório dum seu antigo condiscipulo analista, estava lá com um frasco cheio de um líquido para determinar.

Na noite seguinte, o agente Ambrósio Peres, à mesa dum café, ouvia de Fernando Mira a resposta do amigo analista:

As meias estavam impregnadas de ferro-cianeto de potássio, produto utilizado como tinta simpática. Papel escrito com ela, ficava branco como se nada contivesse e só à força de determinados reagentes as letras apareciam.

Isto explicava tudo. A tal Dely, que afinal não era polaca, decerto se dedicava a espionagem e, seguindo processo muito em uso na outra guerra, transportava a tinta, para as suas mensagens secretas, embebida nas meias, de forma que escapava a qualquer investigação. A involuntária troca alarmou-a. Decidiu reaver as meias mesmo pelo processo violento posto em execução por dois cúmplices seus e depois fugir do país onde corria o risco de ser presa. Na fronteira, vendo êste perigo, preferiu abandonar a bagagem e salvar-se sem demora.

\* \* \*

Dois noites depois, no cinema, Maria da Graça, à luz da sua lanterna eléctrica, foi conduzida um espectador ao respectivo lugar. O sujeito aceitou o programa mas, em lugar da habitual gorgôta, entregou-lhe um embrulho. A pequena, surpreendida, virou-lhe a luz para o rosto. Era o sorridente Fernando Mira que lhe dizia:

— Essas pode calcá-las sem risco de lhas descalçarem em plena via pública...



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDAÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25844